

ARTIGOS

A INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA HISTÓRIA (VII) (*).

(Conclusão).

CAPÍTULO VI

A SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

A. — O ORGULHO DA ÉPOCA.

1. — Uma poderosa geração.

A nossa época se compraz em cumprimentar-se pelo que tem realizado. As revistas modernas e as “Atualidades” divulgadas pelo cinema servem para satisfazer êste orgulho. Uma vez que o homem moderno pensa coletivamente, não importa que o próprio indivíduo tenha contribuído pouco ou muito para êsses acontecimentos. De algum modo cada um se sente como parte da energia que produziu os feitos de que êle se orgulha. E’ assim que tôdas as coisas grandes ou enormes que tenham sido realizadas, e cada novo recorde que se tenha estabelecido, recebem universal aplauso. Avaliam-se as catástrofes e os desastres com o mesmo espírito. Em tais casos não nos compadecemos tanto com a angústia das vítimas quanto nos deleitamos com o fato excitante de terrores gigantescos estarem visitando nossa época. Além disso, por maior que seja o dano, o homem moderno se vangloria de não se deixar esmagar por êle, e de ser ainda capaz de se recobrar do dano e começar de novo.

As molas reais ocultas de nosso mundo moderno manifestam-se, de modo mais conspícuo, no fato espantoso de que tanto os Estados Unidos como a Rússia ascenderam súbitamente a posições dominantes na política mundial. Êles simbolizam o triunfo do homem moderno. Politicamente não há nada que se possa realizar de alguma importância em nossos dias sem a cooperação, ou pelo menos o tácito consentimento de um dêles, enquanto o conceito dos “Cinco Grandes” perdeu nas Nações Unidas, por exemplo, todo sentido. A influência global e o poder dêsses dois países é um fenômeno absolutamente novo na vida da humanidade. Muito além de seu sig-

(*) — Êste é o último artigo duma série de palestras proferidas pelo Prof. Otto A. Piper no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em agosto de 1953. Texto em inglês traduzido por Percy Fávero Schützer (Nota da Redação).

nificado político êle aclara o presente estágio do desenvolvimento histórico da raça humana.

Ambos os países são impelidos para diante pela convicção de que, por sua ilimitada reserva de recursos econômicos e sua grande população, estão manifestamente destinados a dirigir o resto do mundo, e seu poder real se apóia òbviamente sôbre a disposição das demais nações de crerem nessa pretensão.

2. — A época da revolução.

Detrás desta transformação discernimos a revolução profunda por que passou a humanidade moderna. Vistos sob esta luz, o comunismo e os modernos regimes totalitários ou “fascistas” não estão muito distantes entre si. São filhos da mesma mãe e seu ódio recíproco não diz respeito a princípios. Antes provém do fato de que grupos sociais diferentes estão lutando pela liderança e pelo poder na política mundial, enquanto ambos concordam em sua compreensão do governo e nos meios de permanecer no poder. Ambos os países tendem a um estado de coisas no qual um governo, apoiando-se no contrôle de um aparato tecnológico altamente aperfeiçoado e num contrôle burocrático completo da população, desempenhará sua função messiânica, a de trazer a felicidade para tôda a humanidade. Êles diferem apenas em sua interpretação da felicidade. Segundo o pensamento comunista ela consiste no estabelecimento de uma ordem social de justiça, enquanto o estilo de vida americano espera levar à plena igualdade, isto é, a um estado de coisas no qual cada um tenha a possibilidade de gozar de todos os produtos da moderna civilização tecnológica. Porém, mesmo esta diferença concerne apenas a ordem cronológica relativa dos estágios sucessivos do desenvolvimento visado. De acôrdo com os russos, a igualdade deve preceder a distribuição dos bens econômicos, ao passo que os norte-americanos afirmam que a disponibilidade das utilidades terá automaticamente um efeito equalizador, o que parece ser confirmado pelas condições de vida dos trabalhadores nos Estados Unidos.

O fato de que tanto a Rússia como os Estados Unidos tem milhões de adeptos por todo o mundo e de que grandes massas oscilam em suas simpatias entre as duas possibilidades é indicativo da revolução todo-inclusiva em que o homem moderno está empenhado. E' neste processo revolucionário que se encontra a unicidade da época moderna. O homem de hoje está se rebelando radicalmente contra todo o seu passado porque anseia tornar-se sob todos os aspectos seu próprio senhor e criador. Assim êle atira fora ou despreza todos os valores que guiaram seus antepassados e tenta destruir tôdas as instituições do passado. Êle crê apaixonadamente em

um futuro melhor e pensa que é capaz de produzi-lo seguindo seu impulso interior. Frequentemente, embora nem sempre, êste impulso é identificado com o desejo do intellecto de conhecer e compreender tôdas as coisas. Êste processo não data de ontem; êle começou há quase quinhentos anos. Mas aquilo que nos séculos XV e XVI parecia ser apenas o surgimento de uma pequena aristocracia do espírito, invadiu agora os corações, as cabeças e as mãos de milhões, seguindo assim a lógica do estímulo original.

As fôrças históricas assim liberadas têm mantido o mundo ocidental em movimento desde o século XVI. Por onde quer que se tenham espraído, desencadearam energias e capacidades não suspeitadas em homens e mulheres e aceleraram o compasso de desenvolvimento humano ou do Progresso, como o chamam desde o século XVIII, de maneira antes desconhecida. Quão longo foi o caminho do primeiro vaso de barro ao uso da roda de oleiro ou da primeira esteira tecida até o tear! Entretanto, em menos de um século a tecnologia, por exemplo, avançou com rapidez da máquina a vapor ao motor elétrico, e cêrca de oitenta anos mais tarde surgiu a era atômica. Mas essas mesmas fôrças agiram também como um irresistível e poderoso fermento que rompeu crenças antigas, costumes, tradições, instituições e regimes, e reformou completamente as nações.

E' comum atribuir à Renascença, em louvores ou críticas, todo o crédito pelo surgimento da Idade Moderna. Mas não devemos lançar tôda a responsabilidade pela formação do mundo moderno sôbre a mente secular. A Reforma não foi senão outro ramo da mesma árvore, ou outra manifestação da mesma energia histórica que introduziu nossa época. A dificuldade que o historiador encontra para separar os elementos religiosos e sociais no início do movimento anabatista ou na revolta dos camponeses do século XVI, por exemplo, é uma indicação da relação estreita entre o movimento secular e o religioso. Algumas vêzes em comum esforço, outras em mútua opposição, os dois movimentos tem operado no mundo ocidental.

Qualquer descrição da história moderna que deixe de lado ou o fator secular ou o religioso, apresentará necessariamente um quadro unilateral e desfigurado. Os pensadores protestantes modernos, por exemplo, que lançam tôda a culpa sôbre a Renascença e sôbre o efeito que ela teve na filosofia e na ciência, enganam-se tanto quanto Troeltsch e outros historiadores que unilateralmente atribuem todo o crédito pela formação do mundo moderno ao movimento secular. A humanidade na qual êstes movimentos revolucionários começaram estava tão completamente condicionada pelo cristianismo, que só podemos nos admirar da ingenuidade de Nietzsche.

que tratou a Reforma como um acontecimento puramente acessório, e considerou a possibilidade de uma nova fase da história moderna na qual o cristianismo seria posto completamente de lado. Ambos os movimentos não podem de nenhum modo ser separados, não obstante suas diferentes funções. O movimento religioso se esforçava por indicar o fim último que a nova energia devia visar e por chamar de volta constantemente o irmão secular, quando êle tentava propor-se um objetivo indepedente. De modo análogo, notamos como nestes últimos séculos o movimento secular tem dado um novo impulso às forças religiosas, sempre que elas hesitavam em avançar ou se viam tentadas à auto-complacência.

Embora o ímpeto religioso da nova época encontrasse sua expressão mais notável no protestantismo, a Igreja Romana também se viu constantemente envolvida nesse processo. Não obstante tentativas temporárias de agir como uma “terceira fôrça”, isto é, de atrasar o relógio e de voltar a seu estágio medieval, a Igreja papal viu-se compelida a dar acesso às novas fôrças. A Igreja que surgiu do Concílio de Trento (1545-1563), mesmo rejeitando o protestantismo, estava entretanto ricamente imbuída do espírito do mundo moderno.

E' sob esta luz que devemos encarar o presente conflito mundial entre os Estados Unidos e a Rússia. Em ambos os países observa-se uma atitude na qual elementos seculares e religiosos se misturam indissolúvelmente. E' óbvio que a consciência de uma missão divina dos políticos norte-americanos reflete a posição insigne que as igrejas ocupam na vida nacional, tanto assim que a “defesa do Ocidente” e a “luta pelos ideais cristãos” são fâcilmente identificados em sua ideologia política. Por sua vez, porém, o comunismo não se veria tentado a culpar o cristianismo e as igrejas por aquilo que é considerado o pior aspecto do Ocidente, o capitalismo, senão pelo fato de que o fator religioso é um elemento tão essencial na constituição da humanidade moderna, que mesmo o movimento ateístico dos comunistas não é capaz de dispensar completamente a religião. Assim, apesar de seu caráter anti-cristão, o bolchevismo assumiu formas de expressão religiosas e prossegue em seu combate com um zêlo religioso.

3. — Características da Época Moderna.

a). — *Propaganda.*

A energia histórica que produziu o mundo moderno, possui quatro aspectos característicos. Primeiramente, devido à sua raiz religiosa ela se manifesta numa tendência geral de tornar o novo

movimento conhecido de todos e de dar a tôda a gente uma oportunidade de compartilhar de suas bênçãos. Nestes aspectos nossa época difere caracteristicamente da Idade Média. Conjuntamente com a concepção da vida predominante, o âmbito das coisas consideradas próprias para o conhecimento geral era bem delimitado. Novas idéias eram então propagadas em pequenos círculos sòmente, por exemplo, um mestre comunicaria suas idéias a uns poucos discípulos escolhidos. Elas não se destinavam a tornarem-se públicas. E' esta a razão pela qual sabemos tão pouco a respeito do desenvolvimento espiritual da gente da Idade Média. A nova concepção exigiu um novo modo de proceder. Impelidos por uma necessidade intrínseca, os movimentos modernos usam a imprensa como seu meio de comunicação ganhando assim extensas multidões de adeptos, ainda que anônimas. O escritor e o orador públicos, e portanto o livro barato, o jornal e a revista, e o rádio em nossos dias são fenômenos históricos únicos nos quais se manifesta o espírito da nova época. Não admira que também as igrejas cristãs tenham desenvolvido novos métodos de propagar suas idéias no trabalho de evangelização e de missões estrangeiras.

Esta necessidade de ganhar adeptos para as próprias idéias opera com um irresistível poder. O homem moderno se compadecede daqueles que ainda não viram a luz que já o alcançou e empenha-se apaixonadamente em campanhas de alfabetização e de propaganda cultural.

Ele não pode pensar também que seja possível uma vida feliz sem os modernos implementos da civilização tecnológica, mediante os quais seu impulso de auto-afirmação cresceu muito. Em consequência, não apenas o cristianismo foi levado às partes mais remotas do mundo, mas os missionários introduziram também a educação geral em todos os lugares por onde foram. Na esfera internacional, igualmente, os governos dos países adiantados estão agora ansiosos de levar as bênçãos da vida moderna aos países e nações "sub-desenvolvidos", mediante um programa combinado de "assistência técnica".

b). — *Unificação.*

Em segundo lugar, enquanto na Idade Média os grupos e as formas de vida existentes mantiveram sua identidade e diversidade mais ou menos inalteradas, a nova época tem a tendência de reunir indivíduos e grupos menores em entidades maiores e de os assimilar entre si. Os antigos obstáculos à comunicação são vencidos com vigor e o desêjo de agir numa base ampla aumenta. Esta tendência conduz à gênese na história moderna de grandes gru-

pos unificados e homogêneos. Os corpos políticos da Idade Média eram de um caráter puramente dinástico abrangendo grupos étnicos diversos. Seu poder coesivo residia no soberano, e assim os principados e os reinos medievais variavam constantemente a composição complexa de sua população. Um dos primeiros sintomas da operação do espírito moderno encontra-se no surgimento das nações européias como entidades políticas. Querendo agir coletivamente, as nações criaram o instrumento de línguas nacionais a partir de muitos dialetos. A História dos Estados Unidos, e a dos Estados americanos em geral, constitui um exemplo muito interessante do crescimento inevitável da unidade nacional não obstante a imigração de vários países. A russificação do Império russo, que continua com os comunistas, é um fenômeno semelhante. E' lógico que essa tendência unificadora acabasse por dar origem ao comércio mundial e por encorajar as tentativas de estabelecimento de uma lei internacional e de formas de ação política universal tais como a Liga das Nações ou as Nações Unidas. Este processo tem-se acelerado consideravelmente pela facilidade e rapidez com que muitos podem agora viajar de um país para outro, e pelos numerosos contactos devidos às duas guerras mundiais entre filhos de muitos países. Estas duas guerras são em si mesmas características do processo unificador de nossos dias. Na Antigüidade e na Idade Média não se estava de modo algum preparado para tais ações militares combinadas numa escala global.

Poderia parecer a primeira vista que as igrejas não participaram desta tendência. E' bem conhecido o fato de que até os princípios do século XIX a Igreja Romana se achava enfraquecida por tôda a sorte de tendências centrífugas, seguindo cada país sua própria política eclesiástica. Análogamente o protestantismo dividiu-se incuravelmente não só pelo antagonismo entre luteranos e calvinistas, entre a Igreja Anglicana e as Igrejas Livres, como também pela pululação de inúmeros grupos novos e seitas. Porém, não é pela ausência de um impulso para a unificação que o desenvolvimento eclesiástico não seguiu, sob êsse aspecto, linha paralela ao do secular. Desde os dias de Lutero e de Melancton, por exemplo, tem-se feito tentativas para reunir luteranos e calvinistas, e também católicos e protestantes. A dificuldade de se chegar a um resultado, contudo, encontra-se no fato de que as igrejas tiveram dificuldade em descobrir seu princípio unificador.

Projetando no intelecto a unidade da natureza humana, o movimento secular encontrou na filosofia primeiro, e depois na ciência, o vínculo de comunhão harmoniosa. Essa foi uma atitude consistente porque o impulso de auto-afirmação do homem moderno

ocupou-se no campo secular com o domínio do homem sobre a natureza. Na esfera religiosa esse mesmo impulso tinha que tender a um objetivo completamente diferente: a capacidade do indivíduo de ter comunhão com Deus. Por parte dos Reformadores essa tendência levou a uma rejeição completa e radical da autoridade sacerdotal em matéria de fé. Aconselhava-se a cada indivíduo a se submeter pessoalmente ao julgamento de Jesus Cristo. Além disso, os protestantes precisaram de vários séculos de polêmica confessional para descobrirem que o conceito medieval de dogma infalível era incompatível com seu princípio de julgamento pessoal e de livre exame em matéria de fé. Gradualmente emergiram do seio do protestantismo os conceitos de mútua compreensão denominacional e de ecumenicidade. No Conselho Mundial de Igrejas fundado em 1948 elas alcançaram um símbolo de unidade ao declarar que sua unidade se encontra no seu culto comum de Jesus Cristo, e que portanto o amor e o respeito e a consideração mútuas são possíveis não obstante suas várias doutrinas e formas de prática religiosa e de culto. Análogamente a Igreja de Roma, descobrindo que unidade é compatível com diversidade, está olhando favoravelmente para a aspiração das nações a formas nacionais de culto e à participação na administração da Igreja.

c). — *Simplificação.*

Em terceiro lugar, a história moderna se caracteriza por uma tendência à simplificação. Quanto mais numerosos e complexos forem os meios usados para a obtenção de um certo objetivo, tanto mais necessária é a simplificação do método para que não diminua o grau de eficiência. Assim, o estilo da arquitetura do século XVI e dos seguintes, por exemplo, subordinou-se estreitamente a padrões matemáticos reduzindo-se assim a um número relativamente pequeno de proporções e formas desejáveis. Igualmente, aplicaram-se os cânones estritos e pedantes da gramática às línguas vernáculas de modo que da diversidade dos dialetos regionais emergiu uma língua literária comum, em países como a Itália, a França, a Alemanha e a Inglaterra. Pelo mesmo motivo não há mais lugar no estado moderno para as peculiaridades das diferentes regiões históricas de que ele se formou. Sufoca-se o regionalismo e surgem os estados centralizados da França, da Grã-Bretanha, da Itália e da Alemanha. O processo não caminha com igual velocidade por toda a parte. Embora o processo ainda não se tenha completado na Alemanha, e embora mesmo nos Estados Unidos, não obstante o aumento assombroso do poder do Governo Federal, o debate acerca dos "direitos dos estados" esteja longe de

sua conclusão, a tendência, entretanto, é para a crescente centralização.

O moderno conceito de ciência com seu método estritamente racional não permite opiniões subjetivas. E' portanto natural, com a predominância da ciência no pensamento do homem moderno, que por todo o mundo as idéias de todos sejam em grande parte as mesmas. Um ótimo engenheiro, por exemplo, é bom quer tenha estudado em Stuttgart ou em Chicago, quer fale inglês ou vietnamês, e quer trabalhe na Islândia ou no Paquistão. Uma vez que praticamente todos os bens manufaturados que o homem moderno usa são de fabricação mecânica, o estilo de vida por todo o mundo tende a se tornar cada vez mais uniforme. Usa-se igual marca de pasta de dente e vêem-se os mesmos filmes tanto no Uruguai como na Alemanha. O conceito de estilo é definido de um modo bem característico por um engenheiro norte-americano assim: "resolvendo-se um problema, tem-se um estilo". Até as classes sociais tendem a desaparecer. A doutrina de Marx da luta de classes baseava-se em condições de uma ordem feudal na Europa em rápido desaparecimento. Mas o progresso da industrialização elevou tão rapidamente a importância e o poder dos trabalhadores que nos Estados Unidos, por exemplo, o conceito de proletários perdeu praticamente todo o sentido, e as demais nações industriais seguem depressa o mesmo caminho.

Nota-se um fenômeno semelhante no campo da religião. À proporção que transformações industriais e políticas vão desarraigando populações e deslocando-as para lugares diferentes, as várias denominações protestantes vão perdendo tanto seu caráter regional como sua identidade confessional. Em lugar disto, dão ênfase a seus dogmas comuns, isto é, à autoridade das Santas Escrituras e à função salvadora da fé pessoal. De modo análogo, o estudioso das religiões do Extremo Oriente tem conhecimento do ardente desejo com que as grandes religiões da Ásia procuram tornar-se semelhantes ao cristianismo, isto é, à religião do ocidente não apenas nas formas de organização e de culto, como também na doutrina e na prática.

d). — *O espírito de aventura.*

Um característico final da história moderna é a ousadia e a atrevida coragem com que o homem moderno aborda os problemas da História. Isto não quer dizer que o aventureiro era desconhecido na Idade Média. Mas as incursões na "terra incógnita" tais como as expedições dos noruegueses à América do Norte ou as viagens de Marco Polo ao Extremo Oriente constituíam certamen-

te a exceção. A época moderna caracteriza-se tanto pelo seu ardor em repelir a noção de um universo finito como pela sua determinação de viver no ilimitado. Por isso, a ciência não depende mais do lento progresso de novas experiências e descobertas ocasionais. Antes a imaginação do homem antecipa o que poderia ser possível e o explora por meio de experiências. O novo espírito é bem visível na esfera social. Desde os dias dos anabatistas novas formas de vida comunal estão sendo criadas, formas que não são mais o resultado do crescimento orgânico do passado e não passaram pela prova de longa experiência. Os dirigentes da vida econômica e política bem como os responsáveis pela orientação das escolas estão agora decididos a fazer experiências com vidas humanas e a aceitar as conseqüências dos fracassos. Esta tendência se manifesta de um modo impressionante no impiedoso deslocamento de milhões de europeus decretado por nossos estadistas, nas mudanças radicais das formas de vida introduzidas pelo comunismo e pelos regimes totalitários, mas também nos novos tipos de planejamento de cidades e na realocação de indústrias nas democracias modernas. O homem moderno não tem mais apêgo à vida. Ele se regozija em invadir novas áreas do desconhecido não obstante os perigos que isso implica. O volante-de-prova e o piloto-de-prova são provavelmente os mais característicos representantes da nova avaliação da vida. Quanto mais distante a meta, tanto mais atraente ela parece; e "o impossível é apenas um pouco mais difícil que o possível". As mudanças radicalmente revolucionárias que se operaram durante nossa vida jamais ocorreriam se não fôsse o espírito de aventura.

Não é surpreendente que os Estados Unidos tenham sido os pioneiros de todo êsse processo. Ao contrário das nações da Europa e da Ásia, que tiveram de moldar suas vidas em constante confrontação e conflito com outras, e para as quais, portanto, a vida histórica sempre significou um choque com outros modos de vida, com outra civilização e cultura, os imigrantes da América do Norte encontraram diante de si um continente praticamente vazio de vastas dimensões e uma natureza que oferecia ilimitados recursos aos homens ousados. Por isso na história da América do Norte as tradições dos imigrantes nunca foram desafiadas pelo passado ou por fatores externos. Lá o homem moderno foi capaz de crescer segundo os ditames de sua própria vontade e em constante adaptação a novas necessidades e a situações variáveis. Não foi possível uma evolução semelhante na América Latina porque a mãe pátria, representando poderosamente a autoridade do passado, impediu que os colonos abordassem problemas semelhantes e explorassem recursos igualmente ricos com o mesmo espírito.

4. — O papel das Igrejas.

De acôrdo com a idéia de História da Salvação, tão difundida no protestantismo moderno, bem como segundo a concepção agostiniana da História, que é tão cara a muitos teólogos católico-romanos, se deveria esperar que as Igrejas cristãs fôsem as vanguardas ou pioneiras da história moderna. E' porém evidente que isto não se dá. Tem-se antes a impressão de que o mundo secular determina o processo, ao passo que os corpos religiosos têm dificuldade em se ajustar à sua velocidade e às condições modificadas de um mundo novo. Há um elemento de verdade em tal interpretação. Tanto a Igreja Romana como o Protestantismo identificaram-se durante muito tempo com a concepção do mundo e a estrutura social do começo do século XVI e as modificações relativamente ligeiras trazidas pelo século XVII.

Mas é igualmente verdade que a radical natureza da mudança operada pela ascensão da mentalidade moderna foi claramente reconhecida pelos líderes cristãos, muito antes que os seculares compreendessem o que estava se passando. Encontra-se um exemplo na atitude de Lutero em face da revolta dos camponeses em 1525, tendo o reformador apoiado as pretensões dos rebeldes embora condenasse seus métodos. Ele claramente viu que se não existissem restrições voluntariamente escolhidas a nova vontade de auto-realização conduziria à destruição. Considere-se também as ordens monásticas católico-romanas que surgiram depois do Concílio de Trento, dando ênfase tôdas elas à centralidade do serviço em contraoposição ao egoísmo manifesto nos movimentos seculares. Além disso, foi o movimento pietista do século XVIII que viu com clareza que sem a comunhão entre pessoas a atitude moderna destruiria a decisão pessoal e com isto o seu próprio fundamento. Schleiermacher tinha razão também ao observar que a mente humana se desintegraria em meras técnicas perdendo assim sua criatividade, que é a base do progresso mental, a menos que tôdas as suas atividades se integrassem na crença em um Deus vivo e na dependência dêsse Deus. Embora o homem moderno em geral preste pouca atenção a êstes e a outros esforços cristãos, e se recuse a aceitar sua direção, os cristãos continuam nesse caminho. Está chegando a hora, porém, e provàvelmente já chegou, em que o homem moderno vai compreender que houve alguma coisa errada na interpretação secular que êle deu à sua própria situação.

B. — APREENSÕES E PERIGOS.

1. — O mal-estar moderno.

Antes da primeira guerra mundial tinha-se como certo que tudo estava bem neste mundo e que vivíamos numa época de ilimitado progresso, e muitos mantiveram tal opinião por um bom tempo depois da guerra. Essa idéia abrandou-se consideravelmente, e em muitas partes cedeu o lugar a uma concepção trágica da História, segundo a qual a esperança de uma nação se funda unicamente no sangue, suor e lágrimas, ou até a um completo pessimismo que prevê o fim do mundo ocidental ou o suicídio da raça humana. Olhemos as coisas com realismo.

E' inegável o mal-estar da humanidade moderna. Ele se manifesta num generalizado sentimento de insegurança. O Ocidente desconfia da Rússia e os Sovietes se preocupam com o pesadêlo de uma agressão norte-americana. As nações da Ásia consideram os brancos os perturbadores da paz e a causa última de suas dificuldades. Análogamente há um temor generalizado de que as transformações modernas na esfera social, na política e na econômica possam resultar em caos, e por isso um desejo febril de manter êste mundo em funcionamento por meio da burocracia, da legislação excessiva, das organizações sociais e dos acordos internacionais. Mas êste temor está ligado à apreensão de que devido ao próprio excesso de organização e de acordos a eficiência venha a se paralisar numa hora de crise. O medo da bomba-H é também sintomático do moderno mal-estar. Sente-se que através da criação das armas atômicas os cientistas e generais invocaram um espectro contra cuja perversidade não há proteção.

Há além disso aquêle sentimento generalizado de solidão do qual muito tem para nos dizer, por exemplo, as novelas modernas. Poder-se-ia pensar que o constante crescimento de nossas cidades, por exemplo, levaria a uma enorme multiplicação das possibilidades de contacto pessoal. Porém a verdade é que os inumeráveis encontros da vida na cidade, além de gerar a indiferença com relação às outras pessoas, parecem privar as pessoas da capacidade de amar e de ganhar amigos. Acima de tudo os psicólogos observam que o homem moderno é obviamente perseguido por uma impressão de que nada tem sentido, embora êle raramente tenha consciência dela e se esforce freneticamente por afastá-la da consciência, ou por uma obsessão com o trabalho ou por uma absolutização fanática de seu objetivo individual. Enquanto se é jovem e robusto uma vida cujas recompensas são as amenidades que o dinheiro pode comprar parece satisfazer, a despeito do muito que

exige em tempo, energia e recursos. E essas recompensas são muito abundantes. Mas é claro que cresce constantemente o número dos que se perguntam se acaso êsse acréscimo relativamente pequeno de novos prazeres e oportunidades trazidos por um esforço intensificado, compensa a tensão incomensurável a que o indivíduo é obrigado. E o que é ainda mais trágico é a compreensão de que os prazeres dos sentidos assim alcançados deixam ainda um grande vazio na vida. O homem obviamente necessita de alguma coisa mais para dar verdadeiro sentido à vida.

2. — Diagnose.

Longe de serem puramente subjetivos, êstes sentimentos baseiam-se em fatos. Um observador cuidadoso de nossa época pode discernir claramente suas falhas e deficiências. Só uma pequena parte da literatura moderna é escrita em louvor de nossa época, e uma grande parte é altamente crítica. No presente o processo histórico obviamente atingiu o estágio em que as fraquezas intrínsecas da época estão a descoberto. Por mais positiva que seja nossa idéia de suas origens, não se pode mais negar o fato de que no curso dos acontecimentos desenvolveram-se contradições intrínsecas, que agora se encontram num emaranhado sem saída. Pode se observar isto principalmente na situação humana. As descobertas científicas que se destinavam a auxiliar o homem em sua auto-afirmação em face da natureza, levaram à construção de um aparelho técnico tão poderoso que agora transformou o homem em seu escravo. O ritmo e o objetivo de sua vida, seu trabalho e seu descanso, suas atividades e prazeres, são determinados pela máquina de escrever, pelo carro, e pelo rádio, pelas horas de televisão e de cinema, pelo jornal, pelo horário dos trens e dos ônibus, etc. O resultado é uma perda quase completa da individualidade; e por isso o homem moderno não tem mais a capacidade de se tornar discernível como uma pessoa. Na arquitetura moderna o elemento estético é subordinado ao funcional. Esta época parece incapaz de criar um estilo que seja um símbolo de si mesma. Quando são necessárias formas artísticas, têm-se que emprestá-las do passado, porque não se encontra uma criatividade verdadeiramente artística, uma vez que esta pressupõe a capacidade de auto-afirmação em face do universo. Não admira que em tais circunstâncias o romance moderno não louve o homem como uma pessoa responsável, mas antes o descreva como escravo de seu meio mecanizado e que o escritor moderno esteja obviamente mais interessado em ganhar dinheiro do que em exaltar valores ideais. Se isto é "realismo", trata-se menos de um realismo de

desilusão do que de uma vida e um mundo completamente empobrecidos.

Como conseqüência, os “intelectuais”, isto é, o *scholar*, o artista, o ministro de religião e em geral os profissionais, não mais presidem a nossa civilização. Seu lugar foi ocupado pelo homem de negócios, pelo trabalhador industrial e, até um certo ponto, pelas forças armadas. Embora o processo da história moderna tenha se originado da confiança do homem no poder da mente, que lhe deu coragem para considerar a auto-afirmação como seu supremo objetivo, chegou agora o momento no qual — em grande parte como resultado de sua auto-abdicação — a secção educada ou profissional da sociedade viu-se completamente subjugada pelos senhores da manufatura e da distribuição. A função do homem formado reduziu-se apenas à de auxiliar a desenvolver os meios de produção ou de ensinar o *know-how*. Em nossos dias, quase não há trabalho intelectual que se devote exclusiva ou principalmente à busca da verdade. O *scholar* foi substituído pelo professor universitário e o trabalho intelectual transformou-se, mais ou menos, numa carreira ou num meio de ganhar dinheiro e a pesquisa é guiada pela indústria e pelas agências do govêrno. Análogamente, o artista ou o filósofo genuínos, muito longe de serem o porta-voz ou o profeta de nossa época, são hoje forçados a uma vida de reclusão e ressentimento.

Além disso, nossa geração está perpétuamente em movimento. As pessoas não pertencem a nenhum lugar e estão constantemente se movendo de uma cidade ou de um país para outro. Do mesmo modo, os políticos não vêm mal em expatriar milhões de seus lares ancestrais. O antigo vínculo que ligava uma pessoa ao lugar de seu trabalho rompeu-se. Este fato é apenas o reflexo do desassocêgo geral. O movimento que no comêço de nossa época era uma indicação da dinâmica do novo impulso, tornou-se aos poucos um valor em si mesmo. Não se têm mais raízes intelectuais, morais ou espirituais. O critério da verdade é a eficácia, o da moral a conveniência e o da vida espiritual a satisfação subjetiva ou a paz interior. Apreciam-se as coisas pelo fato de serem novas e serem o último produto do processo histórico. Tal atitude implica um abandono de padrões permanentes e a adesão à moda do dia ou ao estímulo do momento. Em tôdas estas transformações não é difícil discernir o completo auto-abandôno do Ego e a despersonalização do homem moderno.

3. — O Triunfo da Tecnologia.

Isto significa, todavia, que o impulso do processo histórico deslocou-se da espontaneidade do homem, para forças que ele não é

mais capaz de controlar ou dirigir. Nunca antes houve na História uma época em que o homem se sentisse tão completamente como objeto de uma necessidade histórica inelutável.

Consideremos alguns exemplos: A guerra depende agora completamente da tecnologia e, assim, a produção em massa de armas e meios de destruição tornou-se praticamente ilimitada. Nestas circunstâncias, as antigas regras internacionais de guerra perderam o sentido, as nações recorrem à “guerra total” e exigem do vencido “rendição incondicional”. Esta recente transformação é equivalente a um repúdio da Lei Internacional, daí resultando que as Nações Unidas não podem mais confiar numa regra permanente de relações internacionais, e têm que afirmar suas esperanças de paz numa redução drástica de armamentos e no mútuo temor em que vivem os dois blocos de poder.

A indústria moderna passou em pouco tempo por duas revoluções. Primeiro, a revolução no modo de administrar, que fez com que o controle da produção e da distribuição industrial fugisse das mãos de proprietários e acionistas para depender da vontade dos diretores das grandes corporações, que, por sua vez, são dominados por fatores econômicos, tais como as possibilidades e a necessidade de expansão ilimitadas da produção e dos mercados. A segunda revolução industrial substituiu a perícia e a diligência humanas por *robots* e artifícios eletrônicos. O trabalhador não mais usa a máquina como um instrumento que o auxilia na manufatura de coisas. Tem antes que se contentar com a obediente observação e cuidado da máquina que está executando o seu trabalho.

O desenvolvimento da ciência moderna apresenta outro problema insolúvel. Embora a ciência tenha contribuído para dar a toda a humanidade uma educação comum, acabou por tornar quase impossível a realização da compreensão internacional. Uma vez que a ciência e a tecnologia não dependem de peculiaridades nacionais, a cooperação entre os cientistas é bastante fácil no que se refere aos problemas técnicos do seu campo. Mas isto implica que os membros das diferentes nacionalidades não mais se encontram no nível da moral, da religião ou da cultura, podendo dispensar o aborrecido trabalho de mútuo ajustamento no nível da vida pessoal ou nacional. Assim se cria uma ilusão enganosa de compreensão internacional, enquanto as idiosincrasias e antagonismos implícitos nos diferentes caracteres nacionais continuam a operar livremente sobre as cabeças dos cientistas, mesmo a despeito da difusão universal da instrução científica e do *know-how* tecnológico.

Analogamente, no campo do comércio mundial tem-se reconhecido que a prosperidade cresce em proporção com o volume e com

o número de atos de troca internacional. Idealmente, portanto, um comércio internacional sem barreiras constituiria a condição ótima. Mas com a importância crescente dos produtos manufaturados no comércio mundial, o país que tenha a maior potência industrial torna-se uma ameaça para os países de potência menor. Não é estranho, por exemplo, que os países europeus estejam formando uma unidade econômica oposta aos Estados Unidos. Além disso, a necessidade de aumentar a produtividade industrial leva os países a procurar restringir a concorrência estrangeira por meio de elevadas tarifas ou de cotas, e a evitar o livre comércio mundial. Os economistas observam também que, embora a maior participação no comércio mundial aumente a prosperidade da nação, cresce também sua vulnerabilidade em tempos de crise. Pode-se compreender porque os políticos, embora aderindo na aparência ao comércio mundial ilimitado, anseiam por tornar seus países economicamente auto-suficientes.

Há também o problema da democracia no estado moderno. Compreendendo que os países medievais eram propriedade pessoal do soberano, os proponentes da democracia nascente julgaram que toda a população poderia participar dos direitos do soberano. Não obstante essa esperança, todavia, o estado moderno tornou-se aos poucos uma corporação em si, que só é responsável para consigo mesma e que vende seus serviços aos cidadãos. A mentalidade científica moderna resultou na formação de um sistema altamente racional de serviço civil. Assim o controle do estado passou rapidamente de um governo responsável para uma burocracia que, por sua vez, se multiplica com incrível rapidez em todos os países. Apesar das queixas dos que pagam impostos este crescimento não pode parar por duas razões. Em virtude das muitas obrigações atribuídas ao estado numa sociedade complexa, a burocracia é o método relativamente mais eficiente de realizar alguma coisa na vida pública. Mas uma vez que o motivo propulsor do trabalho do burocrata é mais o desejo de administrar a lei do que o interesse por aqueles que se beneficiam de seu trabalho, há na burocracia uma necessidade intrínseca de inventar novas tarefas para si, a fim de criar novas oportunidades de trabalho. O máximo que se pode obter por meio de impostos é, portanto, o único limite imposto à expansão da burocracia. Não há maldade pessoal nessa tendência. Desde que se tenha aplicado o método racional às atividades governamentais, o processo é inevitável.

Entretanto, o crescimento da burocracia afetou drasticamente o funcionamento do processo democrático, quer se tome o termo no sentido ocidental ou no comunista. Uma vez que a época mo-

derna começou com a crença na igualdade da natureza humana em todo o mundo, ela se inclinava naturalmente para um governo do povo. As limitações ao poder do soberano, o governo representativo, o sufrágio universal, foram os passos dados nesse sentido. Mas, embora deixando um espaço relativamente pequeno para o surgimento da tirania, isto é, para o livre exercício do poder pessoal de um governante, o estado moderno tende a se tornar uma instituição todo-poderosa. Nela a burocracia moderna estabelece com cuidado os limites à liberdade de agir do cidadão e determina à vontade, por exemplo, o grau de informação à cerca das condições do país e das atividades do governo que lhe deve ser dada. Análogamente, são os funcionários que informam os legisladores sobre os extremos dentro dos quais uma lei futura pode operar, e os órgãos do executivo determinam o grau de efetividade de uma lei através do modo pelo qual a executam.

4. — O dilema do Homem Moderno.

As igrejas não podem escapar aos efeitos da transformação moderna. Nos Estados Unidos, por exemplo, um dos fenômenos mais notáveis da vida eclesíástica é o espantoso crescimento do número de membros das igrejas. Contudo, êsse processo não se originou num método aperfeiçoado ou intensificado de evangelização. Nos subúrbios em rápido crescimento das grandes cidades dos Estados Unidos, quando se deseja a adesão de pessoas é em geral suficiente visitá-las e convidá-las para irem à igreja. A única explicação dessa estranha atitude, tão diferente da que prevalecia há vinte ou trinta anos, é que o homem moderno compreendeu súbitamente a perplexidade a que a nova época o arrastou, e a sua incapacidade de enfrentá-la. Ele recebe pois com gratidão qualquer certeza que lhe ofereçam de que há esperança de uma mudança. Pouca diferença lhe faz aderir ao *slogan* dos Cientistas Cristãos de que o mal é puramente subjetivo, ou aceitar as palavras dos que lhe prometem completa “paz de mente”, ou simplesmente esquecer suas apreensões na cálida atmosfera de uma igreja suburbana ou na excitante espiritualidade de uma capela pentecostal.

Em virtude dessa crescente despersonalização da vida, não causa surpresa o fato de que em nossos dias muitos tenham compreendido que a história moderna chegou ao ponto de praticamente excluir o homem. As novas forças que êle introduziu na História no século XVI, venceram-no na metade do século XX. O “nihilismo” que predomina entre a juventude de hoje, é o estado de mente daqueles que se decidem a viver ao extremo esta vida moderna, embora compreendam que ela é insensível aos interesses e

aspirações do homem. Todos nos defrontamos com esta pergunta: a necessidade que presidiu sôbre o curso da história durante êstes 450 anos é um processo inevitável, pertence ela à essência mesma da História? Somos por isso levados à conclusão de que o curso da história moderna revelou a falta de sentido da História? Ou há aspectos nesse processo que nos dão a coragem de ter esperanças para o futuro?

C. — A DINÂMICA DO MUNDO MODERNO.

Tendo passado em revista os acontecimento mais importantes da história moderna e os sentimentos com que o homem moderno os acompanha, devemos agora examinar as fôrças concretas que moldam o mundo histórico atual e a direção em que elas se movem. Assim fazendo, poderemos avaliar o significado dos tempos em que vivemos.

1. — Fôrças propulsoras na História Moderna.

Até agora falamos sômente do “Espírito da Época Moderna”, como se a história moderna fôsse um processo unificado e integrado. O que realmente observamos na História é um número de processos e movimentos distintos e aparentemente desconexos. Cremos, porém, que todos êles se relacionam històricamente a uma causa comum e se movem na mesma direção. Não há necessidade de rever as tendências marcantes de nossa época em sua totalidade. Bastará escolher algumas delas nos campos da vida internacional, da política e da cultural, para se obter um corte transversal característico da corrente histórica em que nos movemos ou que nos arrasta no presente.

a). — *Vida Internacional.*

α. — *Poder abstrato.*

Embora a vida internacional seja sempre uma luta pelo poder, ela assumiu um caráter completamente novo em nossos dias. O processo corre paralelamente à tecnologia, onde o desenvolvimento da máquina acabou por se tornar um fim em si mesmo. A consideração pelas necessidades reais dos que se utilizam da máquina é tão pequena que obriga o produtor a “criar necessidades”, isto é, a dizer-lhes que devem sentir determinada necessidade porque há máquinas capazes de satisfazê-la. O mesmo se dá com o poder político. À princípio êle era um meio para determinado fim. Os governantes o ambicionavam porque queriam fama, ou riqueza, ou triunfo sôbre um inimigo, ou o engrandecimento de seu país. E’ claro, porém, que o moderno imperialismo da Rússia ou dos Estados Unidos não serve a tais propósitos. Antes foi a idéia de

grandeza e de poder que dirigiu a expansão dos dois países, daí resultando que seus governantes vêm-se agora forçados a dizer aos respectivos povos que devem gastar enormes somas de dinheiro para defender sua pátria. Em outras palavras, não se trata mais de um poder que serve a um propósito, mas de um poder que impõe exigências, simplesmente porque existe. Análogamente, as crises repetidas que abalam as Nações Unidas decorrem da má vontade das grandes potências de permitir que seu poder seja restringido por considerações de lei internacional.

A Rússia e os Estados Unidos não são os únicos países em que se apresenta o fenômeno do “poder abstrato”. Mas, devido às suas proporções excessivas, as tendências históricas neles se manifestam mais claramente do que nos países menores.

Nossa análise pode parecer injusta porque estes países têm ideologias e as propagam. Mas, embora isto seja verdade, estas ideologias não estão organicamente ligadas com o seu poder. A Rússia, por exemplo, já tinha atingido sua presente extensão sob os czares, com exceção de uma pequena parte da Europa conquistada na última guerra, e assim os estadistas russos têm que pensar em primeiro lugar na manutenção de seu poder nacional. A difusão geográfica do comunismo tornou-se uma arma do imperialismo russo.

Este desenvolvimento na direção de um “poder abstrato” levou a um conceito inteiramente novo de nacionalismo. Quando no começo do século XIX a idéia nacional se apossou da imaginação do povo, o amor pela pátria significava a disposição de defendê-la contra um tirano, ou a determinação de torná-la melhor do que qualquer outra. Em nossos dias, porém, o nacionalismo desfêz estes enfeites idealísticos. Acredita-se simplesmente que um país merece o poder que goza porque foi bastante forte para conseguí-lo. Uma tendência análoga se observa entre as grandes corporações industriais. Elas estão acima de tudo obsecadas por uma idéia: como expandir seu poder. Essa expansão não é ditada nem pela idéia de que um maior crescimento permite satisfazer a novas necessidades de um modo mais apropriado, e nem tendo em mente a economia nacional. E’ simplesmente porque o aumento dos lucros ou os créditos em expansão tem que ser investidos em algum lugar. Mas este novo poder nunca está seguro de si, uma vez que não serve a nenhum fim. E’ verdade que os estadistas do passado viram-se também muitas vezes afligidos por pesadelos concernentes ao futuro de seu país. Mas o faziam porque outras nações invejavam o poder de sua pátria. O estadista moderno, ou o magnata das finanças, é antes perseguido pela idéia de que tal poder

abstrato, isto é, um poder sem relação com os interesses humanos pode-se desfazer interiormente. Eles temem mais as crises internas do que os ataques externos.

β. — Marxismo.

Outro fator importante na vida histórica moderna é o movimento marxista. A inegável atração que êle exerce sobre milhões por tôda a terra baseia-se sem dúvida no seu realismo. Os comunistas observam francamente que a busca dos próprios interesses, especialmente os econômicos, é uma das molas mais eficientes da História. Ensinam também que o conflito de interesses na História não é jamais de indivíduos apenas, mas sim de grupos econômico-sociais, e que, portanto, não há possibilidade de uma vitória final, a não ser quando se luta solidariamente com os demais componentes do próprio grupo social. Tudo isto constitui boa sabedoria econômica que qualquer "capitalista adepto do livre-emprego" endossaria. Mas o marxismo abandonou a esfera das realidades sociais e abraçou uma visão utópica ao afirmar que a luta dos proletários é um conflito moral, no qual se luta pela dignidade do homem e que, por esta razão, o destino está do seu lado e trará a perfeita felicidade para todos.

Na realidade, atribui-se à "luta de classes" no movimento comunista sentido igual ao que se dá a um projeto na indústria. Alguma coisa deve ser construída e, uma vez que segundo a ideologia subjacente vale a pena executar o plano, deve-se fazer o maior esforço para construir o novo edifício. Tal concepção explica o desconcertante paradoxo da prática política dos partidos comunistas. Seus membros nos deixam a todos envergonhados por sua determinação e sua devoção, capaz até do sacrifício pela sua causa. Mas, ao mesmo tempo, nenhum outro movimento político se corrompeu tão vergonhosamente, por sua falta de consideração pela dignidade e felicidade da geração presente. Não se vê apenas o cruel extermínio de todos os "capitalistas", sejam quais forem seus méritos e qualidades morais. Apesar do ideal que professam, os líderes comunistas tratam os trabalhadores simplesmente como uma energia econômica, e assim revelam pouca consideração por um trabalhador que se torna inválido ou não pode mais trabalhar. Ainda que digam que a "justiça" histórica serve aos interesses da classe trabalhadora, os instrumentos do Destino que se elegeram a si mesmos não definem êsses interesses em termos de vida social real, mas em termos de conveniência política. O bem-estar do povo é sacrificado à execução de projetos do objetivo final ou dos

“planos quinquenais”, que lisonjeiam as ambições dos líderes do partido.

γ. — *Auto-determinação nacional.*

Uma terceira tendência da vida internacional que deve ser mencionada aqui é a aspiração à independência e à auto-determinação que agita praticamente tôdas as nações do mundo. A raiz dêsse movimento se encontra no romantismo e no idealismo do século XIX. Foi inicialmente um protesto surgido da indignação cristã, contra o absolutismo político e o colonialismo. O ideal do *Corpus Christianum* a ser realizado pela cooperação voluntária de nações livres o movia. Durante os últimos cinquenta anos, porém, o objetivo mudou completamente de natureza. A auto-determinação nacional é agora interpretada como um fim em si mesmo. A cooperação internacional não é mais considerada uma obrigação moral, mas sim uma questão de conveniência. Não admira que a rivalidade das grandes potências tenha produzido o espetáculo patético de algumas nações divididas ao meio como, por exemplo, o Marrocos, a Coréia, a Alemanha e o Vietnam, cada metade exigindo plena independência porque não pode harmonizar sua concepção política com a da outra. E' um paradoxo o fato de que a independência nacional, defendida como um meio efetivo de impedir as guerras, tenha se tornado a fonte principal das guerras modernas. E' pateticamente verdade também que as Nações Unidas, que se erigiram sôbre o princípio de pleno respeito a tôdas às nações, presenciaram logo à formação de alguns grupos rivais e, às vêzes, inimigos.

b). — *Vida Política.*

α. — *A transformação da Democracia.*

Uma análise das tendências da vida política contemporânea produzirá resultados análogos. Quão grande, por exemplo, é a diferença entre o conceito de democracia mantido pelos *Founding Fathers* dos Estados Unidos, de um lado, e sua prática atual, de outro! E' óbvio que muita gente está iludida com relação à mudança, uma vez que a antiga fraseologia ainda está em uso. Todavia, o próprio fato de os comunistas acharem possível chamar também seus regimes políticos de democracia, indica a transformação moderna dêsse conceito.

A democracia do século XVIII foi um sistema político no qual os que se interessavam pelos problemas do corpo político tinham

a oportunidade de participarem dêle. Por sua vez, as posições políticas de responsabilidade se ofereciam aos que tinham capacidade de desempenhá-las a contento geral. Todo êste conceito de democracia pressupõe uma população pequena, na qual as pessoas influentes se conhecem, e condições simples, que qualquer homem de caráter e de boa instrução seja capaz de examinar e dirigir. Com o aumento rápido da população e com o advento da moderna civilização tecnológica, a situação política alterou-se completamente. Uma vez que o poder econômico agora se funda em grandes corporações e não em indivíduos, as organizações financeiras tornaram-se um fator potente na vida política, que nenhum governo é capaz de controlar ou moderar, porque se o fizesse afetaria de modo crítico os interesses de muita gente. Por isso o poder do governo não é mais o de um povo soberano e pelo povo. Antes, seu poder está seriamente confinado por unidades econômicas mais ou menos independentes.

Além disso, a tarefa do governo tornou-se tão complexa que os que se encontram nos postos mais altos têm que deixar para a burocracia a maior parte do trabalho executivo. Também não se espera que os servidores públicos ajam por sua conta, mas sim que interpretem e executem as leis existentes. Em tais circunstâncias a tarefa do governo consiste em conseguir o melhor possível de uma situação quase que incontrolável. A iniciativa em todos os atos essenciais de legislação, por exemplo, está passando cada vez mais do parlamento para o poder executivo. Em face da complexidade da administração, o governo vê-se inevitavelmente tentado a pensar no cidadão individualmente não mais como uma parte do poder que lhe foi delegado, mas sim como um súdito do governo, quer se use ou não o termo. O que costumava ser as prerrogativas do cidadão livre interpreta-se agora como privilégios que o governo, a seu critério, pode conceder-lhe ou retirar-lhe, por exemplo, informações sobre as atividades dos vários ramos e departamentos do governo, ou a emissão de passaporte para viagem ao exterior. A *raison d'Etat* dos estados absolutos do século XVII reaparece sob o disfarce dos "melhores interesses do país". Análogamente, a força da polícia cresceu muito. Mas ela não é usada somente para proteger o bom cidadão contra o criminoso, mas para proteger o governo contra toda a população do estado.

A concepção do eleitorado também mudou. Durante o desenvolvimento tecnológico exigia-se o sufrágio universal como uma implicação essencial da democracia. Assim o direito de tomar parte na vida política se deslocou para uma nova base, isto é, da capacidade

do cidadão de agir de um modo responsável para o bem comum, para o desejo do cidadão individual de ver seus interesses pessoais bem cuidados pelo governo. O resultado é não apenas a ausência de estabilidade do governo, porque tódo o governo que não satisfazer os desejos da maioria será banido na eleição seguinte, mas também a falta de lealdade por parte dos cidadãos, porque o estado não mais possui uma dignidade que lhe seja inerente. Seu propósito é servir aos interesses do eleitorado. Embora se tenha dado especial publicidade à patente deslealdade dos comunistas, não é menos verdade que movimentos anti-comunistas como o dos nazistas e de outros grupos fascistas minaram as instituições políticas de numerosos países, e assim fazendo, acabaram por alcançar o poder. Esta concepção do estado transforma num aspecto normal da vida política a revolução ou a deposição violenta de um governo. A vida política tornou-se uma violenta disputa entre o estado abstrato, de um lado, e a ambição dos partidos políticos, de outro.

β. — Confiscação da propriedade privada.

Íntimamente ligada com esta transformação da democracia moderna no maquinismo administrativo abstrato chamado “estado”, notamos uma mudança na concepção de propriedade privada. Nos séculos passados, considerava-se, em geral, a propriedade como o resultado do esforço, habilidade e sabedoria do proprietário ou de seus pais, apesar de se saber que grandes fortunas tinham sido acumuladas por meio de fraude ou violência. Acompanhando a transformação do estado moderno, a propriedade privada não mais é considerada como um direito moral, mas como um privilégio concedido aos cidadãos pelo estado. Por isso, o estado pode retirar êste privilégio parcial ou completamente. Isto se deu não somente na “expropriação dos proprietários”, sob o domnio comunista, ou na confiscação das fortunas dos judeus pelos nazistas, mas também na confiscação das propriedades dos estrangeiros inimigos, pelos aliados na Segunda Guerra Mundial. Análogamente, a prática moderna de avaliar os impostos de acôrdo com o orçamento preparado pelo governo, é indício da mesma tendência. As leis modernas de impôsto não se baseiam no consentimento daqueles que elas atingem, mas nas necessidades financeiras dos governos, que os parlamentos não podem mais reduzir a proporções razoáveis. Outra manifestação dêste contrôle da propriedade privada pode-se observar no fato de que o estado moderno controla e manipula o meio circulante nacional e fixa a taxa de desconto. Em consequência dêste poder, relativamente recente, os governos modernos podem provocar deflações e inflações. Estas são particularmente

frequêntes mesmo nos países de moeda forte, como os Estados Unidos, porque permitem ao govêrno liquida'r parte da dívida pública. Em cada inflação isto se faz à custa da propriedade privada existente sob a forma de depósitos, hipotecas ou direitos comerciais. Numa escala muito mais vasta, a falta de respeito pela propriedade privada se manifestou nas expulsões em massa de nações inteiras, durante e após as duas guerras mundiais, quando tôdas as propriedades dos que se viram expelidos foi confiscada pelos governos expulsores. Embora os métodos utilizados para minar o direito à propriedade privada difiram nos diversos países e sistemas políticos, a tendência e o princípio subjacente são, no entanto, os mesmos em todo o mundo.

γ. — *Influência das Fôrças Armadas.*

Mencionemos, finalmente, a êste respeito o lugar predominante que as fôrças armadas usurparam na vida política. Até o século XVIII notamos que os governantes muitas vêzes sustentaram sua posição mantendo grandes exércitos. Mas era sômente através do príncipe que êstes se tornavam instrumentos da política, ao passo que agora os próprios exércitos fazem política. Não é em todos os países que a situação é tão visível como na América Latina. Mas esta tendência está presente em todo o mundo. Enquanto de início era privilégio de todos os homens livres possuir armas e se defender contra a opressão e o ataque, nos tempos modernos êsse direito foi muito limitado. Pertence agora aos governos a prerrogativa de decretar quem poder usar armas e em quais circunstâncias pode fazê-lo. Ao mesmo tempo o abismo que separa os civis das fôrças armadas se ampliou. A razão desta mudança encontra-se no progresso da tecnologia atual. Nenhum exército moderno pode prescindir de um grupo permanente e numeroso de oficiais subalternos e superiores, porque a guerra depende da tecnologia e ciência atuais em grau tão elevado que os exércitos requerem especialistas como líderes. Em consequência disso, os soldados profissionais ocupam uma posição privilegiada, não sômente em face dos conscritos, mas ainda diante do govêrno que tem que atender-lhes as idéias e vontades. Pode-se observar a inevitabilidade desta transformação no fato de que, até o comêço dêste século, tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos se opunham violentamente ao militarismo alemão, e agora admitem que o poder militar é o principal instrumento da política externa. E assim os postos diplomáticos passam em número crescente para membros das fôrças armadas.

c. — *Tendências culturais.*

α). — *A Dominância das Coisas.*

As forças que moldam a cultura e a civilização modernas são paralelas às da vida internacional e política. Tal fato não nos deve surpreender, porque as pessoas que operam nas três esferas são as mesmas.

O domínio que a tecnologia exerce sobre a mente do homem moderno pode se notar de modo mais característico na sua grande consideração pela grandeza quantitativa. Ele se impressiona muito, por exemplo, pelo aumento de velocidade de um novo modelo de automóvel, ou pela altura recorde de um arranha-céu recentemente construído, ou pelo grande número de pessoas presentes a uma reunião ou a um espetáculo esportivo. Ouvimos dizer, por exemplo, que em todo o mundo muitos se deixam fascinar pelos catálogos da *Sears Roebuck*, isto é, pelo número fabuloso de artigos manufaturados neles descritos e oferecidos a quem possa comprá-los. E', provavelmente, pela mesma razão que muitos de nossos contemporâneos se entusiasмам tanto com a idéia de um govêrno mundial, isto é, com o tamanho incrível da reunião de todos os poderes políticos do mundo.

Ou então consideremos o moderno desprêzo pela forma. Antigamente as modas, as maneiras, os usos e os costumes se originavam na vida interior das pessoas. As mudanças provinham de novas atitudes coletivas que se adotavam em face do meio. Nesse entretempo, a tecnologia moderna deu às coisas um poder que lhes é próprio. Na época pré-industrial a concepção da vida era antropocêntrica. A gente procurava gozar a vida usando as coisas do modo mais satisfatório e, por sua vez, lhes dava as formas mais agradáveis. Agora as coisas fornecidas pela tecnologia moderna pretendem ser instrumentos que o homem deve empregar utilmente, isto é, de modo tal que ele se torne completamente integrado no processo tecnológico. As utilidades que ele compra não se destinam principalmente a serem usufruídas, mas consumidas, isto é usadas e, se necessário, desperdiçadas. A fim de perpetuar-se, deve o processo da produção tecnológica desacreditar a utilidade permanente dos bens de consumo, incentivando sempre a compra de "melhores" bens de consumo.

Com êsse predomínio do ponto de vista utilitário, a forma não é mais um ingrediente essencial de um bem de consumo. Não importa o aspecto de uma coisa, contanto que ela sirva a seu propósito. Assim já não temos modas. As senhoras usam um certo estilo porque as indústrias ditam o que deve ser usado neste ano, e o es-

tilo do próximo não será um desenvolvimento do atual, mas sim o resultado de nova imposição da indústria de vestidos que compreende que mudanças freqüentes animarão seu negócio. Até o fim do século XIX as filosofias predominantes contribuíam para moldar os estilos. A mudança que se deu em nosso século é bem visível na arquitetura moderna, em seu caos desconcertante de estilos, nenhum deles possuindo qualquer necessidade interna.

β). — O eclipse da Verdade.

Na esfera do pensamento esta deslocação do centro da vida do homem para os produtos da tecnologia minou a crença numa verdade objetiva. Quando William James decretou que a utilidade era o critério da verdade, êle não se revelou um grande filósofo, mas demonstrou seu gênio como profeta da época moderna. Mas, uma vez que a utilidade só pode ser percebida após o uso, e uma vez que muitas das proposições dos políticos e demagogos modernos apresentadas como úteis deram na realidade origem a uma miséria nunca vista, há em nossos dias uma tendência muito generalizada de pôr em dúvida até a possibilidade da verdade. Para muitos de nossos contemporâneos um ceticismo profundo parece constituir a sabedoria última.

γ). — A nova desumanidade.

O homem moderno se aborrece muito com esta transformação. Mas tendo abdicado da condição de ser soberano, rendendo sua vida à tirania do processo tecnológico, resta-lhe apenas um meio para se afirmar. Êle recai de tempo a tempo na esfera da vida puramente biológica. Para muitos milhões o sexo tornou-se mero fato fisiológico que envolve pouca ou nenhuma consideração pela própria personalidade ou pela dignidade pessoal do companheiro. Êste ardente desejo de uma satisfação puramente sensual é paralelo à rápida expansão do consumo de álcool e de narcóticos. A grande preocupação com a saúde ou com o alimento adequado, mas também o prazer nos esportes apontam na mesma direção. Estou também inclinado a considerar o aumento da criminalidade como um aspecto da mesma atitude. Desde que as coisas passam a dominar o homem, tôda atividade criadora contribui para intensificar o processo tecnológico e, assim, aumentar-lhe a dependência. A liberdade é, portanto, procurada numa radical viravolta, isto é, na destruição dos produtos de nossa civilização tecnológica. A última guerra revelou o poder imprevisto que a vontade de destruir exerce sobre as vidas dos civilizados. E' difícil descobrir outra explicação para o repentino reaparecimento da crueldade e da deshumanidade. Quem teria pensado que o século XX, com todo seu progresso tecnológico, presencia-

ria os horrores dos campos de escravos da Sibéria, as câmaras de gás de Auschwitz ou a destruição em massa da população de Hiroshima? O assombroso, todavia, não é que tais crueldades se tenham perpetrado, mas sim que os responsáveis por elas, em sua vida normal eram pais amorosos e cidadãos decentes. Podemos assim avaliar quão grande é a pressão a que a civilização moderna submete o homem, a ponto dêle sentir que somente por uma volta às profundidades da barbárie, pode êle se afirmar como um ser livre. Paradoxalmente, é o crescimento constante de nossa civilização moderna que é responsável pelo aumento da criminalidade, e as grandes cidades que apresentam o mais alto grau de progresso tecnológico, têm a maior porcentagem de delinqüência juvenil.

δ). — *O messianismo moderno.*

Não é surpreendente, portanto, que tais provas de deshumanidade demoníaca andem de mãos dadas com um desejo de salvar o mundo todo. Desde o século XVIII encontramos um número sempre maior de esquemas engenhosos e generosos, destinados a promover a felicidade e o bem-estar da humanidade ou, pelo menos, do maior número possível de pessoas. Uma investigação cuidadosa revelará, todavia, que o que na realidade se deseja não é a salvação da humanidade, mas sim a expansão dos tipos mais altamente desenvolvidos da civilização moderna. Queremos levar a agricultura mecanizada, os medicamentos e as técnicas modernas, o cinema e as revistas às mais remotas vilas da Ásia e da África. Tais atividades são sugeridas pela crença de que tudo correrá bem para êstes povos, uma vez que tenham recebido os dons da civilização moderna. Quão absurdo que tôdas estas bençãos sejam oferecidas às nações "subdesenvolvidas", enquanto os países de civilização mais alta se deparam com uma onda crescente de crimes! Nada há de errado em se tentar levar o "auxílio técnico" às "nações atrasadas". O que espanta é antes a idéia subjacente a muitos dêstes projetos. Seus promotores parecem pensar que apenas com um bom banho de chuveiro diário, um quarto particular e um pouco de dinheiro no bolso para todos, o crime, o alcoolismo e a deshumanidade se evaporariam automaticamente.

2. — **Para onde, oh Homem?**

Até há pouco tempo a humanidade nutria a crença axiomática de que se achava empenhada num processo que sempre a levaria do bom para o melhor, com necessidade inelutável e espantosa rapidez. Êste culto universal do Progresso perdeu recentemente não poucos

de seus devotos, mas a despeito das aflitivas incertezas de nossa época não morre a esperança de que o presente desvio para o pior é apenas um breve intervalo e que o resultado final será novamente glorioso. Mas será verdadeira a afirmação de que o homem moderno avançou durante os últimos séculos? E' óbvio que seria ridículo negar que se realizaram maravilhas nos campos da ciência e da tecnologia. Mas que se passou com o homem durante todo êsse progresso?

Não há dúvida de que subjacente aos esforços dos pensadores da Renascença, à grande filosofia do século XVII e, ainda, ao movimento idealístico do século XIX, notamos uma firme crença na grandeza e na dignidade da natureza humana e um sério empenho em fazê-la discernível em tôdas as esferas da História. Mas é também um fato inegável que êstes movimentos não sòmente se limitaram a grupos relativamente pequenos, mas ainda não foram capazes de enfrentar os verdadeiros problemas que assaltam o homem moderno. Não é bem significativo o fato de que o idealismo humanístico tenha sido considerado deficiente, tanto pelos representantes da vida prática, como pelos filósofos e teólogos? Embora não possamos deixar de admirar a grandeza e a beleza de muitas das vidas moldadas pela tradição humanística, somos forçados, todavia, a afirmar em retrospecto que elas buscavam um ideal que pouco tinha que ver com as fôrças reais que impeliram a época moderna. Nossa análise das transformações recentes mostrou, porém, que o "realismo" da época moderna também conduziu a um impasse. Chegamos, assim, à conclusão que durante um longo período o homem moderno estêve se retirando da vida verdadeira e que o resultado foi a perda cada vez maior de sua substância humana. Tudo o que restou foi um corpo humano e meras formas de vida humana.

a). — *O Escape da Vida.*

A tarefa de viver uma vida humana sob as condições de nossa época parece ter se tornado tão difícil para o homem moderno, que êle prefere viver como se nada houvesse de específico que diferenciasse o homem dos outros sêres. E' característico o fato de que o moderno realismo filosófico se recusa a atribuir realidade a tudo, exceto às coisas percebidas pelos sentidos e à nossa própria espontâneidade. Não foi senão consistente o que fêz Mussolini quando, aclamado por milhões, decretou o caráter sagrado do egoísmo, aplicando assim a lei da selva à vida humana e às relações internacionais. Movendo-se em direção oposta, um certo número de eminentes artistas de nosso tempo reduziram o mundo das coisas, que êles se sentem incapazes de dominar, a um sistema de símbolos (e. g.,

T. S. Elliot, Sartre, Christopher Fry, os representantes da Arte Abstrata e Simbólica). Análogamente, desistindo da pretensão à genuína espontaneidade, outros encontram conforto na idéia de que a vida consciente é apenas um reflexo do Inconsciente (e. g. a psicanálise, Joyce). Mas todos estes dificilmente têm consciência do caráter de escape de sua concepção da vida. Paradoxalmente, portanto, dão ênfase à importância de uma relação Eu-Tu, ou falam da missão de certas nações de salvar a outras. À primeira vista, estas atitudes parecem implicar o reconhecimento de que o próximo é tão real quanto eu e tem direito de exigir consideração de minha parte. Mas, examinando-se com cuidado, é evidente que o Tu é apenas a reduplicação do Eu. Os modernos “salvadores” da humanidade exigem que todos se tornem iguais a eles e que o próximo procure a felicidade adotando o estilo de vida francês, russo ou americano. Que é isso senão egocentricidade que perdeu de vista tudo que é diferente de si mesmo? Em consequência, tal concepção também não tem consciência daquela realidade da qual todo o resto provém, isto é, de Deus. Esta fuga de Deus para um secularismo consistente não é uma transformação fortuita de nossos tempos. Suas raízes se encontram no tipo específico de auto-afirmação que marcou o início de nossa época. Mas ao secularizar tão completamente o mundo, como faz a moderna concepção positivista ou “científica”, tudo neste mundo se transforma numa sombra passageira, destituída de substância, tornando-se puramente funcional e servindo a fins momentâneos.

A perda de si mesmo que o homem sofreu foi a consequência necessária da Renascença. A crença subjacente à auto-suficiência do homem moderno ganhou impulso quando Descartes proclamou que a consciência de si mesmo era o critério da realidade. O caráter insalubre dessa concepção veio muito claramente à luz no pessimismo do século XIX, no qual se faz a tentativa de justificar a própria atitude egocêntrica proclamando que o mundo todo era destituído de valor e de realidade. Nietzsche, embora ansioso da realidade verdadeira, estava completamente envolvido nesse processo de desintegração da natureza humana. Com sua impecável honestidade intelectual ele revelou o segredo do Ego abstrato: ele só existe realmente no momento de êxtase, em que as alucinações de alciónica felicidade tomam o lugar da ação responsável neste mundo. Em nossos dias a concepção de Nietzsche degenerou no tipo de existencialismo no qual pessoas que se apóiam economicamente em outras, afirmam ser suficiente para uma vida plena a experiência individual que tem de si mesmas.

Esta fuga da realidade não se limita à vida pessoal. Em lugar de viverem de acôrdo com a fase da corrente da vida histórica em que se acham, muitos recorrem, ou a um passado ilusório que não existe mais, como por exemplo, “A Democracia Americana” ou “A Civilização Ocidental”, ou buscam fins que são apenas negações imaginárias das condições presentes, como a sociedade-sem-classes, a não-discriminação, a de-segregação, o desarmamento, não mais guerras, etc. Realmente patética, porém, é essa falta de realismo quando governos crêem poder ignorar a existência e influência de outros países simplesmente porque não lhes agrada seu modo de governo, ou quando um govêrno baseia sua política na ficção de que representa uma grande potência, mas vive há decênios das esmolas de seus ricos e poderosos aliados.

b). — *Escape da Verdade.*

Quando o homem desloca o centro da realidade para sua mente ou sua vitalidade, inevitavelmente a verdade muda seu caráter. Não há mais verdade alguma universalmente válida. A verdade se transforma então no que nos agrada, ou no que proporciona o sentimento de fôrça ou de felicidade. Os anúncios dos jornais modernos, com seus superlativos e meias-verdades, constituem a expressão mais característica de tal atitude; e não somente políticos mas também estadistas recorrem despuddorada e inescrupulosamente a êsse estilo em suas afirmações públicas.

Mas ainda pior que êsse exagêro é a propaganda. Enquanto o exagêro e a mentira têm uma certa base nos fatos, a propaganda tenta criar um mundo puramente fictício. Ela é um fazer-creer. Mas embora a propaganda seja a linguagem amplamente empregada tanto na política interna como na internacional, o seu uso foi contra-producente em muitos países modernos. Os únicos que acreditam na sua eficácia são os órgãos do govêrno encarregados da sua disseminação. Para os restantes a propaganda fortaleceu a convicção de que não pode haver verdade nas relações entre o govêrno e os cidadãos. Todavia, com sua tendência de exagerar o lado agradável ou util de um coisa e ignorar suas desvantagens, a propaganda alcança em parte o homem moderno. Êle está convencido de que a propaganda não pode ser verdadeira; seria bom demais se ela o fôsse. Assim êle evita uma pesquisa honesta da verdade e, com um pequeno desconto, engole a propaganda. As pessoas diferem umas das outras, e nem todos acharão aceitável determinado tipo de propaganda. Mas o trabalhador que desmascarou a propaganda dos governos capitalistas, pode ser mais do que crédulo ao ouvir a propaganda soviética. Os métodos modernos de anúncio e

propaganda, que são profanações da linguagem, geraram desprezo pela linguagem conceitual. O homem moderno prefere a comunicação através de imagens; uma revista ilustrada ou um filme de cinema é mil vezes mais eficaz em nossos dias que um discurso político. Este é um sintoma interessante. A palavra falada implica um desafio da parte do que fala, exigindo que suas intenções sejam levadas a sério, enquanto o quadro pode ser interpretado de acordo com as idiosincrasias e fantasias do observador.

Tal mudança de atitude para com a verdade nada tem que ver com a epistemologia. Isto pode ser melhor observado no fato da ciência moderna continuar a seguir o método racional, sem que isso desse origem a sérios ataques. Mas o ceticismo moderno aponta para o fato de que em nossos dias o próprio conhecimento se tornou uma simples técnica, que nada tem que ver com o cuidado pela vida humana. A pesquisa científica não é mais praticada tendo em vista o bem do homem, mas sim a serviço de interesses estranhos como, por exemplo, os da indústria, das forças armadas, ou da política, ou simplesmente por amor do dinheiro. Daí vem que o sábio moderno em sua pesquisa não se preocupa com os efeitos que ela possa ter sobre a vida humana ou sobre as pessoas. A canalização do estudo da fissão atômica para a manufatura da bomba-A é um exemplo particularmente instrutivo. Somente depois que os danos foram causados é que se pediu aos cientistas que dirigissem sua atenção para o problema das queimaduras radioativas. Análogamente, “os átomos para a paz” é um *slogan* inventado pela indústria. Nada se pergunta com referência aos limites que deviam ser estabelecidos ao uso generalizado da energia atômica no interesse da saúde humana.

c). — *Escape da Medida.*

Tôdas as coisas neste mundo, além de sua aparência externa, possuem forma e medida. A forma determina a relação que a função das partes mantém com o todo; ela dá expressão ao propósito específico a que uma coisa serve no universo. A medida determina os limites em que se deve manter o tamanho das partes para que o todo funcione de acordo com a sua finalidade, e isto fixa também o tamanho máximo e o tamanho médio de uma coisa. É óbvio que uma geração que perdeu o senso da realidade não terá, também um sensorio para a medida. A ausência de formas, de costumes, de maneiras estabelecidas, etc., que acima discutimos é em última análise uma falta de medida.

A Idade Média tinha um sentido da forma e da medida altamente desenvolvido, porque Deus era considerado como a causa

primeira de tôdas as coisas. A harmonia do todo e o equilíbrio das coisas individuais devia portanto estar sempre presente na mente. A Reforma foi um protesto contra um conceito petrificado de forma, que tornava absoluto o passado e excluía a mudança.

Acordes com a Renascença, negavam os Reformadores que o infinito estivesse absolutamente além da apreensão da mente humana, afirmando antes que êle podia ser apreendido em suas integrações históricas. Para Lutero e os primeiros protestantes o Deus-homem era a porta para o infinito, e a Bíblia o órgão pelo qual o Deus infinito mostrava o caminho para encontrá-lo. Todavia, ensinando que Jesus Cristo podia ser apreendido somente pela fé, os protestantes destruíram aquela síntese de vida espiritual e secular que produzira a grandeza e a homogeneidade da vida e da cultura medieval. A vida exterior à fé tornou-se uma esfera independente. Esta nova concepção trouxe conseqüências revolucionárias. Embora tenham sido capazes de desenvolver uma nova forma de devoção e de culto, os protestantes não conseguiram criar um estilo ou uma forma de vida secular determinada pela religião.

Também a Igreja Católica Romana tentou atribuir ao infinito o seu lugar na vida da Igreja. Daí resultou o estilo barroco. Foi esta uma ousada tentativa de dar expressão ao caráter dinâmico da realidade. Via-se tudo em movimento e os objetos da natureza eram introduzidos na corrente do infinito divino. Com a posição central atribuída a figura da Virgem Maria (ou ocasionalmente à de Cristo) o fluxo da arquitetura, da escultura ou da pintura guardava a medida, a proporção e o objetivo. Mas seria o estilo barroco de inspiração puramente religiosa, ou seria antes um modo italiano de ver tanto as coisas espirituais como as seculares à luz do infinito? De qualquer modo, foi o elemento italiano que acabou prevalecendo, por exemplo, nos palácios sem preço do sul da Alemanha e da Áustria. O catolicismo, igualmente, não foi capaz de produzir um novo estilo depois do barroco.

Abandonada a si mesma e carecendo de uma integração perceptível do infinito, a esfera secular perdeu gradualmente sua coerência intrínseca. Já Shakespeare tinha sentido que o mundo da Renascença estava se desconjuntando. A Revolução Francesa foi o primeiro indício da desintegração. Ao fazer do conceito de "natureza" a medida de tôdas as coisas, o homem atribuiu-se o direito de ir até o máximo limite do que êle fôsse capaz de fazer ou do que julgasse útil. Quando se interpreta a realidade como um eterno fluxo, nenhuma forma histórica tem um direito permanente de existência. Assim a revolução foi elevada ao trono da vida política. Ao contrário das convulsões das épocas precedentes, a revolução

moderna não é apenas uma deposição do grupo governante. Sua característica é a quebra de continuidade com o passado. Novas filosofias e novas organizações sociais acompanham a mudança política. Com a prevalência da mente racional, a Revolução Francesa não foi considerada uma catástrofe histórica mas antes uma evolução necessária, e assim a ação revolucionária tornou-se um princípio da vida política. Não é pois surpreendente que os acontecimentos históricos de 1789 e dos anos seguintes tenham repercutido em tôdas as outras esferas da vida. A cidade moderna, por exemplo, cresce com espantosa rapidez. O problema de saber se há ou não um tamanho ótimo, além do qual a vida na cidade traz maior dano do que bem, não é sequer lembrado. Anàlogamente, milhões de emigrantes devastaram os espaços abertos das Américas e construíram as suas cidades, estradas de ferro e fazendas, sem atender à vida vegetal ou às condições de solo que aí encontraram, e com descuido condenaram continentes inteiros à erosão. Os arranha-céus se tornaram cada vez mais altos, as velocidades sempre maiores, as despesas militares no orçamento nacional atingiram proporções fantásticas, e, como hoje orgulhosamente se diz, “o céu é o limite”. Em consequência a vida ideal consiste numa auto-afirmação sem limites. O indivíduo pensa que vive sua verdadeira vida quando sem inibições dá expressão a tudo que traz dentro de si e desde que alguém lhe satisfaça as paixões êle parece feliz. A paixão torna-se uma escusa para todos os crimes.

No domínio do saber encontra-se uma sêde insaciável de informação sôbre fatos. O objetivo não é mais aquisição daquele tipo de conhecimento que prepara uma pessoa para viver uma vida melhor, mas sim a capacidade de responder a perguntas com prêmios elevados nos concursos de rádio. Publicam-se enciclopédias em vastas quantidades, dedicadas a todos os domínios do conhecimento e oferecendo informação abundante.

Com essa crença de que o infinito está a seu alcance, o homem moderno adota uma opinião muito elevada a seu respeito. Êle gosta de imaginar que todo o universo em breve lhe pertencerá, e que não há problema que o engenho humano seja incapaz de resolver, uma vez que disponha do tipo certo de organização, de dinheiro suficiente e dos técnicos adequados. Tal atitude constitui uma inversão completa da posição que se tomava no princípio do período moderno. Então, era com reverência e temor que o homem compreendia que apesar de ser uma criatura finita êle pode contemplar o infinito. No fim do caminho êle nega que haja qualquer infinito ao seu redor. A realidade é definida como um “finito sem limites”. Deus está morto e o cosmo reduziu-se a uma quantidade mensurá-

vel de energia. A estatura do homem também se reduziu. Contudo, a infinidade do universo não mais o aterroriza como aterrorizava Pascal. O homem ainda se apega à pretensão de ser a medida de tôdas as coisas.

d). — *Fuga da Responsabilidade.*

A tendência do homem moderno de fugir à realidade atinge seu mais sério grau no fato dêle evitar a responsabilidade. Êle aspira a uma vida que lhe dê absoluta liberdade de fazer o que bem quiser sem atender às conseqüências. A grandeza dos homens do século XVI consistia no fato dêles se considerarem os agentes nomeados por Deus para dar forma a êste mundo. Na filosofia, nas artes, na ética e sobretudo na religião, êles assumiam alegre e conscienciosamente sua tarefa. O artista recebia o treinamento de um artesão antes de começar a dar forma às próprias idéias, os sábios estudavam a longa série de esforços dos seus antepassados antes de ousar expor idéias próprias. O modo pelo qual aquêle século lutava com os problemas da humanidade é tão impressivo e inspira tanto respeito, porque dá testemunho da convicção geral de que o homem deve prestar à divindade contas de suas novas criações. Podemos detestar a idéia de guerras religiosas, mas a verdade é que o fanatismo e a tenaz crueldade reveladas nas guerras dos séculos XVI e XVII, manifestam a convicção dos estadistas de que a vida política se achava subordinada a Deus, e que questões últimas estavam em jôgo.

Occulto por detrás do desejo do homem moderno de ser êle mesmo e de realizar-se, descobrimos sua má vontade em reconhecer as obrigações que nos são impostas por uma realidade objetiva e por valores objetivos. Esta recusa não se limita ao campo moral. Na esfera da comunicação, por exemplo, há a preocupação de apenas "discutir" as coisas, e nunca a de empenhar-se, e de assim aceitar alguma obrigação. A nossa época tornou-se uma época de extremo ativismo. Mas a atividade se faz em proveito de um comitê, de uma comissão, de uma corporação ou de um govêrno. Ela começa e termina segundo a vontade do presidente do comitê e não se faz em nome de uma idéia, ou inspirada por um mandamento divino. Não admira que possamos ler toneladas de revistas e ouvir rádio horas seguidas sem encontrar alguma coisa que seja relevante ou que tenha autoridade, no sentido de colocar alguém sob uma inelutável obrigação.

E' com justiça que se argüiu os intelectuais modernos de "traição". Por causa de seu saber e de sua cultura exercem êles uma enorme influência sôbre o curso da civilização moderna. Mas ao

contrário de outros tempos, já não são mais os líderes. A razão dessa perda de posição não se encontra num deslocamento de sua base econômica, mas sim em sua relutância em combater pelas idéias que se encontram na base de seu saber. Embora os membros das universidades em geral não façam revoluções, facilmente buscam a paz com qualquer ditador.

Em consonância com esta atitude o trabalho dos parlamentos e dos governos não é guiado pela visão de fins que são por si mesmos dignos de realização. Pelo contrário, o político moderno tem seus ouvidos postos no chão e consulta a sondagens de opinião pública, pois ele quer saber o que a maioria deseja num dado momento. Na vida internacional este pendor para a liberdade sem a obrigação atingiu o seu climax ao abolir-se, em consequência da última guerra, a lei internacional. Desde então as relações entre as nações baseiam-se exclusivamente em considerações de força e conveniência.

Pode-se facilmente ver que os três característicos predominantes do homem moderno, isto é, a ansiedade, a solidão e um sentimento de ausência de sentido, resultam todos de sua fuga às responsabilidades. Quem concentra seus interesses principalmente em si mesmo, sentir-se-á sempre ameaçado pelas forças que operam a seu redor, e quanto mais poderosamente ele se afirmar tanto mais profunda será sua inquietação pela desproporção entre sua própria força e capacidade, de um lado, e o potencial do meio, de outro. Inversamente, quem se dedica a uma tarefa objetiva desviará de si mesmo seus olhos, preocupando-se menos com o perigo que possa ocultar-se no meio do que com os recursos que podem ser dele tirados. E' isto também verdade a respeito da vida nacional. Quanto maior o egoísmo de uma nação, tanto mais intenso seu sentimento de insegurança.

De modo semelhante, não é possível atribuir a solidão do homem moderno unicamente às recentes tendências da História. Embora seja verdade que o velho tipo de família e de vizinhança tenham em grande parte desaparecido, a massificação e o gregarismo anônimo da sociedade moderna não são culpas da nossa civilização tecnológica, ainda que esta tenha criado as condições propícias para isto. A razão básica de muitos se sentirem sós encontra-se em sua má vontade de se comunicar com os outros, porque não se sentem obrigados a fazê-lo. A atomização da vida moderna desaparece sempre que pessoas se reúnem a outras com o desejo de lhes prestar algum serviço. O medo de isolamento da Alemanha imperial devia-se à sua má vontade de cooperar construtivamente com os seus vizinhos.

Finalmente, é claro que o generalizado “nihilismo” moderno ou crença na falta de sentido da vida, é o resultado da geral recusa de qualquer obrigação objetiva. Não se ignora a existência de valores objetivos mas aborrece-se o esforço necessário para servi-los. Não é estranho que a nossa civilização esteja vagando. Não há meio de prever o que será popular ou estará na moda em seguida porque não há padrão para guiar as transformações. O “relativismo” do século XIX foi um passo vigoroso nesta direção. Todavia, êle ainda implicava a crença em padrões objetivos, embora no interêsse da liberdade pessoal, sua validade se limitava a um certo período, como por exemplo, o período de vida de uma geração. Mas com a superestimação da subjetividade, implícita naquela concepção, os momentos de mudança ocorreram com crescente rapidez, até que se perdeu completamente de vista o elemento objetivo.

e). — *A Dissipação da Substância Humana.*

Resumindo, podemos agora afirmar que nos encontramos no fim de um processo, que começou com o protesto contra o governo universal da Igreja e que, em nome da dignidade humana, pretendia ter o direito ao livre desenvolvimento em tôdas as esferas da vida. Na esfera secular, esta proclamação da autonomia do homem acabou levando a uma forma de vida histórica que é completamente dominada por uma tecnologia científica, enquanto a própria substância da vida humana se perdeu. Nesta civilização moderna o homem é visto sob dois ângulos: como um fator de produção no processo econômico, e como um espécime da raça humana. Embora êle desesperadamente anseie ver reconhecida sua existência como um indivíduo, é forçado a experimentar que exatamente isto lhe é negado pela ordem histórica que êle ajudou a moldar, e que aceitou como a melhor possível.

Penso que é tolice interpretar tôda esta transformação em termos morais, como se éticamente a nossa geração fôsse mais pervertida que as precedentes. E' verdade certamente que a criminalidade juvenil, a entrega aos narcóticos e ao alcoolismo estão em ascensão, e que nunca na história moderna houve menos inibições na vida sexual do que em nossos dias. Mas para avaliar tais acontecimentos em termos morais seria necessário mostrar que a nossa geração transgride mais obstinadamente do que as outras os padrões morais. Na realidade, porém, a nossa geração não tem tais padrões e está simplesmente sendo levada pelo que lhe sobrou: a mera forma de humanidade representada pelo corpo. Devido a esta geral desumanização do homem moderno, seria injusto culpar

um só setor da sociedade pelas conseqüências indesejáveis. E' certamente terrível, por exemplo, pensar que para a nossa burocracia o indivíduo é apenas o número de um caso. Mas quem é o responsável pelo surgimento da burocracia moderna senão o próprio homem moderno e a moderna democracia que êle criou? Estabelecendo um prêmio para a eficiência na administração pública êle renunciou à sua pretensão de ser tratado como uma pessoa individual.

Esta generalizada desumanização do homem moderno pode explicar a estagnação cultural de nossa época. Um artista, por exemplo, que não crê em valores objetivos e não se dedica a seu serviço, tem de imitar as formas e técnicas de outros porque não é capaz de produzir uma obra de arte. Pois para fazê-lo deve êle transcender-se e, mediante a sua obra, buscar defrontar-nos com uma realidade que nos compele assim como o compeliu.

Não admira que hoje o amante da arte se volte tão nostálgicamente para Shakespeare e Goethe, para Raffael e Rembrandt, para Bach e Wagner. E' simplesmente falsa a afirmação de que o artista moderno apresenta-se-nos em uma luz desfavorável porque "os artistas tem que padecer para serem honrados". Pois com a atual fascinação pela modernidade o artista moderno recebe todo o encorajamento e todo o louvor que deseja. Mas a dura verdade é que mesmo seus admiradores recebem tão pouco de seu trabalho, que logo transferem para o trabalho de algum outro o seu entusiasmo, acumulando os seus louvores sôbre o recém-chegado de amanhã. E' difícil alguém se lembrar dos títulos dos *best-sellers* de dez anos atrás, enquanto um verso de Shakespeare lido no ginásio ainda lhe ressoa nos ouvidos.

Com essa desintegração da substância humana a vida perdeu o seu valor. Basta que se leia meia dúzia dos romances modernos, nos quais o sexo é tão proeminente, para descobrir que as figuras centrais do livro nada recolheram de todos os seus casos de "amor", e que são personalidades tão deficientes no fim da história como eram no começo; êsse fenômeno lança interessante luz sôbre o autor também. De maneira semelhante, é evidente que uma reunião social seria coisa aborrecida sem o estímulo do *whisky-com-soda*. Mas valerá mesmo a pena depois que o álcool venceu as várias inibições?

A escola moderna se vangloria de preparar a juventude para a vida. Mas como seria isso possível com professôres e administradores escolares privados de vida? Há uma contenda entre aqueles que desejam preparar a criança para a luta pela existência na moderna sociedade tecnológica, e aqueles que querem basear sua

vida na herança do passado. Nenhum dos dois objetivos é mau. Mas a verdade é que no primeiro tipo a criança perde o que tinha de substância humana para obter um diploma que a habilitará a conseguir outros diplomas e por fim um trabalho bem pago, enquanto no segundo tipo ela será capaz de manipular as técnicas da apreciação literária e artística mas ficará fora da vida “por causa de estudos eruditos”.

O mais terrível aspecto da vida moderna é a maneira pela qual o estado sacrifica as vidas de milhões de seus súditos. Há uma grande diferença entre um exército nacional que defende o solo pátrio contra um invasor, ou se revolta contra um tirano, de um lado, e o costume moderno de obrigar pelo alimentamento universal a população a servir a política de um governo, por mais tolo ou extravagante que seja seu chefe. A confusão a que a civilização moderna arrastou a geração presente não se manifesta em nenhum lugar tão claramente como no fato de que as mesmas pessoas que ficam excitadas com o uso das bombas H e A, admitem como natural que um governo tenha o direito de dizimar sua própria juventude uma vez em cada geração.

3. — Na Encruzilhada.

a). — *A desintegração inevitável.*

A questão que até agora não levantamos, mas que é de grande importância é esta: era inevitável toda esta evolução? E, se o era, foi por obra da implacável necessidade do Destino que o mundo moderno se viu levado a essa completa desumanização do homem? Ou de quem foi a culpa?

Nunca nenhum desenvolvimento histórico está completamente sujeito ao controle do homem. Todavia, a necessidade que assim se experimenta na História não deve ser interpretada como inerente à substância biológica do homem, como se admite tanto na idéia de progresso como no materialismo econômico de Marx. Antes, resulta do fato de que num mundo feito por Deus todas as coisas tem a sua função e limites definidos, sua energia inicial, sua capacidade de crescer, sua hora final, e que o homem tem de operar dentro desta estrutura fixa. Contudo, a operação do homem acrescenta um elemento inconstante e variável à essa necessidade cósmica. Além disso, a análise de um processo histórico é complicada pelo fato de que sua operação não é determinada por uma causa única e isolada. E' sempre o produto de um certo número de tendências. Para averiguar o grau de necessidade com que uma transformação se deu, e para avaliar as possibilidades de uma mu-

dança de sua direção básica, é essencial que se veja cada um dos fatos componentes isoladamente e que a relação que guardam entre si seja investigada.

O principal problema da época moderna resulta do fato de que o mundo medieval foi desafiado simultâneamente por dois movimentos intimamente relacionados, isto é, a Renascença e a Reforma, mas que não só não se deu nenhuma síntese dos dois, como ainda não conseguiram êles desarraigar completamente o medievalismo. Êste sobreviveu modificado na Igreja Católica Romana posterior ao Concílio de Trento. O curso da história moderna no mundo ocidental é assim determinado pelas afinidades mútuas entre a Reforma e a Renascença, tanto quanto como pelas fricções entre ambas, e também pelos conflitos em que ambas se envolveram com a Igreja Católica Romana. Portanto, qualquer tentativa de se escrever a história da época moderna que não leve em conta um destes fatores constituintes, ou sua relação mútua, apresentará uma imagem desfigurada dos acontecimentos reais.

A contribuição do cristianismo para o mundo antigo foi dupla. Mediante sua escatologia êle introduziu na ordem estática da civilização heleno-romana um elemento dinâmico, e êste tornou manifesto o papel histórico do homem ao revelar o segrêdo do ego (selfhood) pessoal. Assim, quando a ordem política do mundo antigo sofreu um colapso e sua civilização se desfêz no século V, êstes fatores libertaram no Ocidente e no Norte uma energia humana sem precedentes, manifesta na cristianização das nações pagãs da Europa e na formação da civilização medieval cristã. Todavia, a consciência da presença de um paganismo mais ou menos latente contribuiu para o crescimento de uma organização eclesiástica rigorosa e poderosa. O estilo de vida medieval era completamente controlado pela Igreja, que desencorajava transformações seculares independentes e aspirações à responsabilidade pessoal. Estimulada pelo misticismo do século XIV e pelos novos métodos do nominalismo estas tendências adquiriram finalmente expressão tanto na Renascença como na Reforma. No seu início os dois movimentos sentiram-se atraídos mutuamente porque ambos combatiam o medievalismo opressivo da Igreja. Porém, não levou muito tempo para que as diferenças se manifestassem, e os dois movimentos se separaram. Com a afirmação de que não se devia buscar a unidade do cristianismo numa organização eclesiástica unificada, ou num sistema uniforme de crença, mas sim na fé e no culto em comum, os Reformadores fizeram soar a hora extrema do *Corpus Christianum* medieval. Não podendo acompanhar o movimento secular da Renascença, e não querendo atribuir a primasia a orga-

nizações e instituições externas, os protestantes tentaram assumir uma atitude positiva com relação ao mundo não-subjetivo diretamente a partir da fé. Com a idéia de Vocação no luteranismo e de Eleição no calvinismo, se o protestantismo não conseguiu criar uma nova cultura conseguiu por algum tempo criar pelo menos uma nova concepção da vida, uma nova *Lebensgefühl* e visão do mundo.

Por sua vez o Papado tentou em vão restaurar a síntese medieval do secular e do espiritual. Quando após alguns sucessos iniciais a Contra-Reforma estagnou-se, o Ocidente se encontrava numa divisão sem esperança, e por um longo tempo as energias religiosas achavam-se quase que completamente esgotadas. Durante o século XVII as Igrejas se retiraram progressivamente da esfera secular, concentrando-se na sua vida interior. O movimento secular tirou proveito desta impotência com uma expansão prodigiosa no campo político e filosófico.

Tanto a Renascença como a Reforma baseavam-se na convicção de que o indivíduo era capaz de defrontar com o infinito, pretensão que a Igreja Católica sempre rejeitou. Mas enquanto os Reformadores acentuaram que o homem só pode suportar um tal privilégio quando humildemente o aceita como uma graça imerecida, a Renascença se orgulhava do fato de que com essa capacidade o homem manifestava sua grandeza inata. Não é surpreendente que tal concepção resultasse na atribuição de importância cada vez maior à natureza, e à capacidade do homem de dominá-la. Assim, o desenvolvimento da filosofia moderna, com Montaigne, Descartes, Pascal e Espinoza, lança as bases para o rápido surgimento da ciência natural. As igrejas não foram capazes de impedir essa tendência. Querendo os protestantes provar aos católicos a sua superioridade, e êstes àquêles, os dois grupos recorreram à construção de sistemas de teologia que pretendiam ser estritamente racionais, e identificaram a fé com a aceitação de dogmas racionais. Estabelecendo assim os fundamentos de seus sistemas sobre a filosofia, os teólogos tornaram possível aos pensadores seculares, nos fins do século XVII e durante o século XVIII, reinterpretar gradualmente a concepção cristã do homem, da História e do Universo em termos de uma filosofia puramente racionalista. Pior ainda foi a transformação da teologia na qual as Igrejas, longe de se oporem vigorosamente ao racionalismo e ao iluminismo, adotaram em grande parte os seus axiomas.

As fatais conseqüências dessa transformação em que o homem usurpou o trono de Deus, manifestaram-se plenamente na Revolução Francesa. Mas então já era tarde demais para deter a corrente. As igrejas do século XIX defrontaram-se com uma onda

ascendente de movimentos anti-cristãos e anti-eclesiásticos, até que no século XX atingiu-se o ponto em que as forças seculares tratam ao cristianismo e à Igreja com indiferença. É esta a primeira vez na História em que se pretende que existe uma esfera de vida puramente secular, isto é sem qualquer ligação religiosa. Muitas tem sido as contendas entre sacerdotes e outras pessoas, através dos tempos, e a indiferença religiosa não é uma inovação moderna. Mas a afirmação de que a vida sem religião é suficiente e de que “Deus está morto” é o produto da história moderna.

Além disso, embora mais ou menos condenado à mera receptividade durante a Idade Média, o judaísmo se tornou um fator essencial da história moderna. O povo judeu é o grande milagre da História, pois pela graça de Deus êle sobreviveu com sucesso aos colapsos dos diversos campos históricos em que se encontrava. É também o maior enigma da História, porque de maneira paradoxal êle tem obviamente de viver as fases decisivas da História sob as asas de nações cristãs, cujo Salvador êle rejeitou e continua a rejeitar. Embora o judaísmo não tenha operado como um fator independente nos tempos modernos, suas relações ambivalentes com o mundo ocidental foram a causa de acontecimentos importantes. Devido às perseguições da Idade Média e ao desprezo amontoado, sobre êles pelos cristãos, os judeus estavam no seu direito ao se recusarem então a ouvir a mensagem cristã. Mas com sua radical reinterpretação do Velho Testamento, o protestantismo defrontou o judaísmo com um novo desafio. As numerosas conversões de judeus para o protestantismo que se deram nos séculos XVIII e XIX dão testemunha do despertar do judaísmo. Mas ainda maior foi a sedução do secularismo moderno. As idéias políticas do racionalismo foram um instrumento da emancipação dos judeus. Não poucos entre os judeus modernos pensaram que abandonando completamente a religião êles se tornariam como o resto dos gentios, e não mais teriam de carregar o estigma de ser alguma coisa peculiar. O resultado final desta tendência foi o estabelecimento do estado sionista de Israel. Infelizmente, isto foi o triunfo do espírito do secularismo numa esfera em que somente os valores espirituais tinham o direito de existir.

Não é exagêro dizer que desde o princípio a História moderna foi basicamente um processo esperitual. Somente na medida em que se relacionam com êsse processo os acontecimentos “seculares” adquirem sentido. A ascensão e o declínio da Espanha, da Holanda, da Suécia, da Prússia-Alemanha, da Turquia, a formação dos impérios coloniais, a sucessão de revoluções modernas que destruíram o sistema feudal herdado da Idade Média, o desenvolvi-

mento e a desintegração da literatura moderna, são processos cujo significado só se pode apreender quando interpretados à luz dessa história espiritual. A conformidade com as energias espirituais resulta em atividades construtivas ao passo que o resultado de ignorá-las ou combatê-las é a desintegração. Considerado em si o fenômeno do crescimento quantitativo, por exemplo, é enganoso porque pode ser um fator mediante o qual a decomposição se intensifica. Não é por acaso que o colapso dos impérios é muitas vezes imediatamente precedido de sua expansão máxima.

Em conclusão, podemos dizer que a necessidade histórica não se baseia na natureza imutável do meio em que agimos, mas sim no fato de que decisões espirituais ou anti-espirituais levam os grupos humanos a agir em harmonia ou em oposição com o movimento intrínseco da vida humana e do seu meio. A tentativa de construir a vida unicamente pelas próprias forças revela falta de realismo. Os que o tentam agem em desacôrdo com a natureza das coisas e seus limites naturais, e usam-nas para fins diversos daquelas para que foram feitas. Em consequência, criarão o caos a seu redor.

Tomemos, por exemplo, as tentativas dos comunistas de construir uma sociedade sem classes. Sua idéia de conseguir o máximo de coisas boas para o maior número possível de pessoas pode ser realizada somente por meio de uma mecanização altamente tecnológica. Isto por sua vez requer um grande número de técnicos distintos da massa que trabalham sob suas ordens. O contraste social assim criado pode ser ocultado por um pouco, tratando-se os especialistas como simples escravos e entregando as decisões exclusivamente aos membros do partido, sem levar em conta sua experiência tecnológica. Mas devido a ineficiência daí resultante tornar-se-á necessário entregar a decisão aos técnicos em lugar de deixá-las com “a classe trabalhadora”. Uma vez que a especialização requer uma habilidade particular que só se encontra raramente, é inevitável que se forme uma nova classe distinta da gente comum. Mesmo que todos os novos especialistas proviessem de famílias de operários e de camponeses, sua nova função inevitavelmente os separaria do resto. Assim, bem paradoxalmente, o comunismo está destinado a minar seu próprio trabalho no esforço de construir uma sociedade puramente secular.

Além disso, a história de nossa época mostra que a liberdade humana é a matriz da necessidade histórica. É pelo primeiro passo dado livremente que se determina todo o curso subsequente dos acontecimentos de um modo inevitável. Os guias da Renascença, que queriam ser os senhores de sua mente e de sua vida, separados

de Deus, deram início assim a uma tendência na História que todos os séculos subseqüentes tiveram que seguir. Esta necessidade explica porque tôdas as tentativas seculares de salvar um mundo enfêrmo finalmente terminam em caos ou em maior egoísmo. O “Movimento da Juventude Alemã” das primeiras décadas do nosso século, por exemplo, insistiu em seguir um caminho de completa liberdade e de responsabilidade individual, ignorando absolutamente a existência de Deus. Os começos do movimento lembravam uma manhã de Primavera na qual uma nova cultura alemã parecia surgir. Mas o Movimento foi irresistivelmente atraído para as idéias de Hitler vindo a extinguir-se nas ruínas de Estalingrado ou nos campos de batalha ao longo do rio Vístula. O nacionalismo moderno é outro exemplo. Ao insistir no direito à diversidade dentro da Igreja, a Reforma abriu o caminho para uma transformação na qual o estado e a igreja foram considerados como co-extensivos. Pode-se ver facilmente que a partir desta aliança o estado ou a nação acabarão por pretender a autoridade espiritual. Embora tivesse inicialmente mobilizado e inspirado tôdas as energias da nação, o nacionalismo tornou-se sem demora uma espécie de religião substituta do século XIX. Contudo, êle entra por êsse motivo em choque com as demais religiões, e assim o nacionalismo atua finalmente como um fator de desagregação na vida nacional e internacional.

Necessidade semelhante se encontra no campo da religião. Em conseqüência da reafirmação da religião cristã tanto pela Reforma como pelo Catolicismo Romano posterior ao Concílio de Trento, a volta para um tipo antigo ou moderno de religião não-cristã no mundo moderno está fora de cogitação, como os nazistas e os bolchevistas tiveram de experimentar. Enquanto na Antigüidade o renascimento de uma religião pagã era possível, uma vez que a crítica filosófica da religião atacou apenas a sua forma, a mensagem cristã pôs a nú a vacuidade de tôdas as religiões, excepto a religião bíblica. Ao identificar a realidade última com o universo ou com uma função dêle as modernas “concepções do mundo” e as religiões substitutas lutam em vão, pois atribuem significado perene ao que é transitório.

Como um processo que desde o seu início implicava a possibilidade de uma evolução não-espiritual, a história moderna estava condenada a alargar o vão que separa a esfera secular da energia espiritual doadora de vida. Isto explica porque nenhum movimento secular de reforma, por mais idealistas que sejam os seus proponentes, é adequado para remediar radicalmente os males de nossa época. Por sua vez, é óbvio agora quão importantes foram

as repetidas tentativas das igrejas de salvar o mundo moderno. Muito além do significado que tiveram para a igreja, acontecimentos tais como a fundação das ordens monásticas de caridade do século XVII, as experiências anabatista e puritana de novas formas de vida social, a nova importância atribuída ao auto-exame espiritual nos movimentos místico e pietista do fim do século XVII, a obra missionária das igrejas cristãs do Ocidente, o surgimento do Metodismo, o estabelecimento das Escolas Dominicais, para mencionar apenas alguns, não foram somente um desafio ao mundo secular mas demonstraram também que foram uma bênção para a vida política, social e literária.

b). — *Uma época aproxima-se do fim.*

O que estamos observando em nossos dias poderia ser interpretado como um retrocesso temporário, devido ao fato de que todos os movimentos históricos tem seus altos e baixos periódicos. Os sinais da época, porém, contrariam tal interpretação otimista. Somos forçados à conclusão de que esta é a fase final da época histórica que iniciou de maneira tão promissora no começo do século XVI. O homem moderno enganou-se quando julgou que era apenas com suas energias e recursos naturais que êle estava construindo seu "corajoso novo mundo". Antes, foi a herança de substância espiritual que o habilitou a fazer uso tão surpreendente de seu intellecto e dos dons da natureza. Tôda a história secular da época moderna baseia-se na sobrevivência inconsciente ou não-admitida da fé de seus antepassados. Esta é a explicação do fato estranho de que para justificar sua crença numa existência autônoma, o homem moderno tenha inventado uma metafísica ou concepção-do-mundo, para cuja construção êle recorreu a uma reinterpretação e distorção de conceitos cristãos. A idéia do Progresso, por exemplo, é uma versão secular do reino da Providência divina, a da autonomia do Ego é uma aplicação da liberdade espiritual cristã à mentalidade secular, a do direito de julgamento privado imita a idéia da iluminação pelo Espírito Santo, etc. Entretanto neste processo de secularização, perdeu-se inteiramente de vista o fato de que tôdas essas idéias só tem sentido a partir da suposição de que a graça de Deus opera na vida dos homens. Atingiu-se agora na História o ponto em que os pensadores estão não somente tomando consciência da vacuidade destas idéias secularizadas, como de sua incapacidade de oferecer substitutos válidos.

De modo análogo, a coragem do homem moderno, que mergulhou confiantemente no oceano infinito com esperança de atingir praias distantes, só tem sentido enquanto houver a certeza de que

em Jesus Cristo se tem uma firme proteção contra todos os poderes do mal neste mundo. O intrépido espírito de iniciativa que tornou possível o avanço rápido da vida moderna é uma inconsistência, quando o homem é abandonado aos próprios recursos. Não é estranho que a nossa geração esteja apavorada diante das forças imensas de destruição contidas no universo. Mas então como são ingênuos os que esperam da ciência a salvação, quando foi pela ciência que a nossa atual situação de perigos foi ocasionada? Quão cegos os que confiam em poder militar, uma vez que sofremos em nossas próprias vidas as conseqüências patéticas de duas guerras. E' acaso surpreendente que os mais sábios representantes da mente secular voitem para um fatalismo estóico, orgulhando-se da sua coragem de suportar a falta de sentido deste mundo? A verdade é que a época que criou a ciencia moderna e a tecnologia não sabe mais o que fazer. Tôdas as possibilidades construtivas do mundo moderno se esgotaram, e agora nos defrontamos com as forças destruidoras que, sem querer e sem saber, muitas gerações antes de nós auxiliaram a gerar e a fortalecer. Isto não significa que o que chamamos Ocidente sofrerá um colapso amanhã. Mas falta ao nosso mundo as energias necessárias para se defender dos poderes que o assaltam por dentro e por fora.

Esta afirmação é válida não apenas para a nossa civilização secular como também para a comunidade de Deus na Igreja e na Sinagoga, na medida em que ela se deixou envolver nesta secularização do mundo moderno. A origem comum e a oposição comum ao medievalismo levaram a Reforma e a Renascença a uma estreita camaradagem, e através dos seculos as Igrejas protestantes foram tentadas a entrar em acôrdo com a filosofia e a ciencia seculares. A tensao dialética muitas vêzes cedeu o lugar a uma acomodação. Assim fazendo a Igreja e a Sinagoga conseguiram por vêzes crescer e prosperar externamente durante algum tempo, mas perderam seu atrativo espiritual. O estabelecimento do estado de Israel, por exemplo, que poderia ter sido uma benção divina para os judeus, se baseado numa visão espiritual, encontra-se nas mãos de um Sionismo secularizado, tornando-se um instrumento terrível de desintegração do judaismo moderno e de agitação no Oriente Próximo. Análogamente, as igrejas que em nossos dias parecem atribuir tanta importância ao poder econômico e político e às suas atividades sociais e educacionais, preparam assim a sua ruína, quando toda a ordem política e econômica de hoje sofrer um colapso. A Igreja Ortodoxa na Rússia já teve uma experiência antecipada de tal catástrofe em 1918 e nos anos que se seguiram.

Falar do fim de nossa época não implica que um novo movimento ou um “novo mundo” esteja próximo. Passaram-se quase 400 anos entre o desaparecimento do Império Romano na Europa ocidental e o surgimento do mundo medieval assinalado pelo Império de Carlos Magno. Mas o fato importante naquele tempo de transição foi a incapacidade da ordem antiga decadente de afirmar.

c). — *A Hora da Decisão.*

A seriedade da presente situação tornou-se manifesta por algum tempo para o observador cuidadoso da nossa época, e fala-se muito a respeito da “crise da nossa época”. Esta não é porém uma descr.ção acequada. Porque usualmente designamos por crise um momento em que, devido a operação de fôrças que escapam ao nosso contrôle, uma mudança de situação para melhor ou para pior possa ocorrer. A frase esconde pois o elemento que anuncia o fim, que nossa análise trouxe à luz, e encoraja o otimismo fácil daqueles que falam do “ritmo recorrente de tragédia e de redenção” da História. Porém, ainda que se trate do fim do mundo, o período introduzido pela Renascença e pela Reforma aproxima-se inevitavelmente do seu têrmo.

Por isso o problema com que nos defrontamos não é o de saber como êste mundo se apresentará amanhã, mas sim como se pode salvar alguma coisa de nosso mundo ocidental, e isto quer dizer, do fruto de nossos esforços históricos, do processo atual de desintegração. De acôrdo com a Bíblia as grandes catástrofes da História são enviadas por Deus para que nos examinemos e nos arrependamos, de modo que através do colapso e da destruição alguma coisa nova possa surgir. Os profetas que anunciaram a destruição iminente de Jerusalém não davam nenhuma esperança a Israel, como se uma mudança de última hora na mente divina pudessem evitar o desastre. Êles lembravam, todavia, que o reconhecimento do caminho errado que Israel tinha escolhido no passado os habilitaria finalmente a recomeçar depois da catástrofe. Se o destino de Israel é um exemplo do modo de operação da lei moral na História então o mundo ocidental também caminha para o desastre.

E’ portanto pouco confortador o fato de que, apesar de tudo a História como tal prossegue aconteça o que acontecer, e de que há sempre um “poder de aceitação” que se pode experimentar. Pois o problema central que preocupa um grupo ou uma geração na História não se refere à duração da História como tal, antes consiste em saber se os seus esforços históricos produzirão algum fruto. A

esperança que Deus nos estende é esta. Como no comêço de uma época assim também no fim, somos livres para escolher nosso caminho. No intervalo o homem deve necessariamente tomar sôbre si as conseqüências do primeiro passo. Por isso a civilização moderna teve de seguir todo o seu curso. Mas agora nos defrontamos com a decisão. O que conferiu valor a nossa época? As coisas nela manufaturadas, as técnicas que se desenvolveram, as fadigas sofridas, os fins que se tiveram em vista? Ou teria sido a energia espiritual sempre nela presente, que conferiu sentido aos esforços humanos que a levaram em conta ou tornou vãos os que a ignoraram?

Uma coisa é certa. O problema básico de nosso tempo não é a tensão entre o Oriente e o Ocidente. Concentrar tôda a atenção no conflito russo-norte-americano é interpretar de modo completamente errado a complexidade e a universalidade da presente situação histórica. As dificuldades políticas da França no norte da África, por exemplo, tem repercussões na política dos Estados Unidos e, de modo semelhante, o ressurgimento do budismo em Burma não só cria problemas econômicos para a Grã-Bretanha, mas atua também como um desafio à vida espiritual do Japão. Embora o comunismo seja um sério problema para algumas nações atlânticas, o modo pelo qual êle foi usado pela imprensa estadunidense não é senão outro sinal da falta de realismo da política norte-americana. Parece que o comunismo é um meio providencial de forçar as nações da Ásia e da África a verem, mais rápida e drásticamente, não apenas o poder como também a insuficiência da tão cobiçada civilização tecnológica moderna. Êstes povos já viram muito do mundo moderno para poderem e quererem ignorá-lo completamente. Por isso êles têm de ser inoculados com o virus do mal-estar moderno — é êste o papel do comunismo em nosso mundo — para ficar imunes.

A decisão com que nos defrontamos não é puramente teórica. Atribuir maior importância não às coisas que temos mas ao espírito com que devem ser usadas é um processo penoso. Êle implica sempre o reconhecimento de que muitas e muitas vêzes não as usamos como devíamos e a disposição de abandonar tal atitude. Nós nos rebelamos instintivamente contra a afirmação de que o único meio de nos livrarmos da tirania com que a civilização moderna nos escravizou, é submeter-nos de todo o coração e sob todos os aspectos do onipotente poder de Deus.

Muito pouco se ganhará com a formação de uma "Terceira Fôrça", como sugerê Nehru em política e Martin Buber em ética. Estamos tôdos demasiadamente envolvidos nos conflitos de nossa época para podermos nos elevar acima dêles e adotar uma atitude

neutra. Nossa única esperança é nos dispormos a uma decidida volta-face, a abandonar o secularismo e reconhecer a supremacia do espírito de Jesus Cristo. Mas deve-se repetir que tal mudança de mente e de coração não desviará a catástrofe iminente, dando ao Ocidente uma nova oportunidade. A única esperança encontra-se na promessa de que assim fazendo seremos capazes de transmitir as realizações realmente valiosas de nossa época, que merecem ser usadas, e também de compartilhar dos bens da nova época, assim como depois da destruição do seu império, os cristãos da Itália e da Grécia participaram da nova civilização e da organização política da Europa ocidental medieval. A liderança histórica, porém, uma vez perdida nunca mais volta ao mesmo grupo.

Seria vão predizer a esta hora quem vai ser o herdeiro do Ocidente, ou prever o agente que dará impulso e direção à época vindoura. Tanto pode ser uma das nações da Ásia ou da África como uma nação branca. Uma coisa porém é certa, somente um povo que esteja disposto vicariamente a suportar o fardo da época e a pagar corajosamente o preço da liberdade espiritual terá oportunidade de se tornar guia das nações. Assim fêz uma vez a Grécia, assim fêz Roma mais tarde, assim fêz de novo Carlos Magno e seu império. Embora a austeridade apenas não baste para fazer de uma nação a dirigente das outras, a fidelidade ao espírito de Cristo requer com certeza uma grande dose de negação de si mesmo e de sacrifício.

d). — *A Graça de Deus.*

Presenciamos em nossa época o grandioso espetáculo da propagação do cristianismo por todo o mundo. Isto pode ser tomado como sinal de que a época vindoura da História será de caráter universal. Além disso, devido ao caráter indestrutível do cristianismo pode-se predizer com segurança que, aconteça o que acontecer na civilização, na política, ou na vida social, a igreja desempenhará um papel decisivo em toda a História futura. Pode ser verdade ou não que as formas específicas de fé cristã que se chamam Ortodoxa Oriental, Católica Romana e Protestante, darão lugar um dia a novas formas. Afirmações fáceis a respeito de uma era pós-protestante ou pós-cristã são porém prematuras, para não dizer mais. Mas é certo que todas as igrejas tem sido desafiadas pelos recentes acontecimentos e em lugar de continuarem em sua auto-complacência também elas devem se examinar e se dedicar à sua principal tarefa, que é ser o fermento do mundo secular.

As condições difíceis a que chegaram as igrejas, não só nos países dominados pelo comunismo e na Índia mas em todo o cam-

po missionário, lembraram às igrejas que enviaram seus missionários suas deficiências. Muitas vêzes elas agiram voluntária ou involuntariamente como agentes de seu país ou como propagandistas da civilização moderna, pondo assim em perigo a pureza e a integridade de sua mensagem. E' claro que tais considerações têm de ter uma influência profunda não somente nos métodos missionários futuros das igrejas, como ainda nas suas concepções e práticas em sua própria pátria.

Ao defini-las devem dar tôda a importância às coisas que são peculiares a igreja e que nenhuma outra organização pode realizar como ela. Sua tarefa última não consiste em fazer o mundo cristão, ou sujeito à igreja, e sim em levar todos os poderes seculares ao reconhecimento de que, existindo a igreja, devem renunciar às suas pretensões absolutas. Alguns dêles o farão alegremente, enquanto outros se rebelarão contra esta exigência e tentarão destruir a igreja.

Aquêles que aceitam a fé bíblica terão necessariamente uma impressão sombria da cena contemporânea e não poderão se entregar a um otimismo fácil. Mas também não cairão em pessimismo. Eles compreendem que embora nos encontremos no fim de uma época histórica mesmo assim a vida vale a pena ser vivida. Pois tudo o que é feito no espírito de Cristo serve perenemente para elevar o valor das coisas terrenas. E' esta a mensagem de esperança do evangelho a um mundo que está perecendo.

OTTO A. PIPER

Professor de Literatura e Exegese do Novo Testamento no
Seminário Teológico de Princeton (Estados Unidos).